

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

ANA CLARA MARTINS LUZ

**OS MUSEUS, SUAS LOCALIZAÇÕES E SEUS VISITANTES:
UM ESTUDO DE CASO DOS MUSEUS ESTATUTÁRIOS DA USP E A
QUALITATIVIDADE DE QUEM OS VISITA**

**SÃO PAULO
2025**

ANA CLARA MARTINS LUZ

OS MUSEUS, SUAS LOCALIZAÇÕES E SEUS VISITANTES:
UM ESTUDO DE CASO DOS MUSEUS ESTATUTÁRIOS DA USP E A
QUALITATIVIDADE DE QUEM OS VISITA

Trabalho de Graduação Integrado (TGI)
apresentado ao Departamento de Geografia
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas, da Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientadora: Prof^a Dr^a Rita de Cássia Ariza
da Cruz

SÃO PAULO

2025

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

LUZ, Ana Clara Martins. **Os museus, suas localizações e seus visitantes: um estudo de caso dos museus estatutários da USP e a qualitatividade de quem os visita.** Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em: 01 de agosto de 2025.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Ariza da Cruz - USP

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Oliveira Bruno - USP

Prof^a. Dr^a. Simone Scifoni - USP

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, por ser minha base, por me colocar no caminho dos estudos, me dar condições para trilhá-lo e por sempre estar ao meu lado. Agradeço, especialmente, à minha mãe e minha avó Leonor, que choraram e comemoraram comigo, me acolheram todas as vezes que precisei, lutaram por mim e sempre respeitaram o meu tempo. Eu amo vocês.

Agradeço ao meu parceiro de vida, João Paulo, por embarcar comigo em todas as aventuras, pela sua lealdade e apoio, pela paciência e por toda ajuda para a realização deste trabalho. Agradeço por todas as vezes que segurou minha mão, secou minhas lágrimas, me ajudou com ideias e riu comigo. Por tornar a graduação e a vida tão mais leve.

Agradeço à Biblioteca do MAE USP e seus funcionários, mas principalmente ao Alberto, Hélio e Luciana que, para além de colegas de trabalho, se tornaram grandes amigos. Por me incentivarem na realização desta pesquisa desde quando ela era só um sonho, pelas dicas e conselhos, por todas as indicações de referências, comilanças e dias bons.

Aos amigos, em especial ao Gabriel, por me ajudar com a confecção de todos os mapas deste trabalho e contribuir grandemente para sua melhoria visual.

À minha orientadora, Rita de Cássia Ariza da Cruz, por acolher minhas ideias e ser essencial para que tudo isso se tornasse realidade. Pela paciência, pelas conversas e por toda ajuda.

Por fim, agradeço aos funcionários dos quatro museus aqui estudados, por me receberem presencial e/ou virtualmente, me acolherem, sanarem minhas dúvidas e contribuírem, de diversas formas, para a realização desta pesquisa. Para além deles, agradeço a todos aqueles que saem de suas casas diariamente e dedicam sua força de trabalho para a realização e manutenção das instituições museais de todo o país. Vocês contribuem não só para o avanço da museologia, mas para o acesso à cultura de toda a população. À todos vocês, parabéns e obrigada.

“A museologia que não serve para a vida,
não serve para nada.”
(Mário Chagas e Diana Bogado, 2016)

RESUMO

A desigualdade no acesso aos museus se trata de um desafio persistente no espaço cultural brasileiro. A partir disso, esse trabalho tem como objetivo investigar, a partir de um estudo de caso nos Museus Estatutários da USP, como a localização geográfica desses museus, além de diversos outros fatores, afetam em sua visitação de maneira qualitativa, identificando seus perfis de público e suas políticas de acesso para, ao final, estabelecer como se dá a relação museu x visitante e qual o alcance desses museus para o público externo à Universidade.

Palavras-chave: Museus Estatutários da USP; Acesso aos Museus; Visitação; Localização Geográfica; Público Externo.

ABSTRACT

The inequality in access to museums is a persistent challenge within Brazil's cultural landscape. From this premise, this study aims to investigate, through a case study of the Statutory Museums of USP (University of São Paulo), how their geographical location, alongside various other factors, qualitatively affects their visitation. It will identify their visitor profiles and access policies to ultimately establish the museum-visitor relationship and determine the reach of these museums to the public outside the University.

Keywords: Statutory Museums; USP; Museum Access; Visitation; Geographical Location; External Public.

Lista de Figuras

Figura 1: Escolaridade e acesso a diferentes atividades culturais	24
Figura 2: Renda e acesso a diferentes atividades culturais	24

Lista de Fotos

Foto 1: Inauguração do Novo Museu do Ipiranga - 2022	14
Foto 2: Fachada do Museu de Zoologia - 2023	15
Foto 3: Fachada do MAC USP - 2023	17
Foto 4: Fachada MAE - 2024	20

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Gráfico de visitação anual no MAC USP	30
Gráfico 2: Distribuição do público entrevistado	34
Gráfico 3: Gênero dos entrevistados	35
Gráfico 4: Idade dos entrevistados	35
Gráfico 5: Grau de escolaridade dos entrevistados	36
Gráfico 6: Cor/Raça dos entrevistados	36
Gráfico 7: Renda familiar mensal dos entrevistados	37
Gráfico 8: Quantidade de vezes que o entrevistado já visitou o museu	38
Gráfico 9: Frequência de visitas a museus ou centros culturais no último ano (março/2024 a março/2025)	39
Gráfico 10: Tempo aproximado de duração da visita	39
Gráfico 11: Principal motivo da visita	41
Gráfico 12: Companhia dos entrevistados na visita ao museu	41
Gráfico 13: Meio de transporte utilizado pelos entrevistados para chegar até o Museu	42
Gráfico 14: Gráfico de escala sobre o percurso realizado pelos visitantes	43

Lista de Quadros

Quadro 1: Respostas dos funcionários às questões principais da entrevista	33
--	----

Lista de Mapas

Mapa 1: Museus Estatutários da USP e Centro Expandido da cidade de São Paulo	07
Mapa 2: Remuneração média mensal por distritos da cidade de São Paulo	08
Mapa 3: Expectativa de vida por distritos da cidade de São Paulo	09
Mapa 4: Equipamentos públicos de cultura por distritos da cidade de São Paulo ..	09
Mapa 5: Museus Estatutários da USP, rede metroviária e terminais de ônibus da cidade de São Paulo	10
Mapa 6: Museu do Ipiranga e Museu de Zoologia	12
Mapa 7: Museu de Arte Contemporânea	18
Mapa 8: Origem dos entrevistados na Cidade de São Paulo	45

Lista de Abreviaturas e Siglas

USP	Universidade de São Paulo
MAE	Museu de Arqueologia e Etnologia
MZ	Museu de Zoologia
MAC	Museu de Arte Contemporânea
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
MP	Museu Paulista
CPTM	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
MAM	Museu de Arte Moderna
CRUSP	Conjunto Residencial da USP
OMCC	Observatório de Museus e Centros Culturais
EDUSP	Editora da Universidade de São Paulo
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada
SIPS	Sistema de Indicadores de Percepção Social

Sumário

Introdução	12
Cap. 1 - A USP e seus museus	17
1.1. Museu do Ipiranga	22
1.2. Museu de Zoologia	25
1.3. Museu de Arte Contemporânea	26
1.4. Museu de Arqueologia e Etnologia	28
Cap. 2 - Os Museus e seus visitantes	31
Resultados da pesquisa sobre os estudos de caso	35
Perfil do público entrevistado	44
Cap. 3 - A visitação aos museus da USP segundo os entrevistados	48
Considerações finais	60
Referências	61
Anexo 1 - Questionário Funcionários	67
Anexo 2 - Questionário Visitantes	68

Introdução

Os museus, em geral, possuem a função e o objetivo de preservar, armazenar e compartilhar histórias, informações e culturas, perpassando o conhecimento historicamente acumulado de geração em geração, sendo compreendidos como instituições públicas com papel social e provocador de mudanças (SARRAF, 2006). Para além disso, os museus universitários possuem também a função de extensão e pesquisa, sem nunca esquecer ou deixar de lado sua tarefa principal como museu para com a sociedade: ampliar e divulgar o conhecimento ali contido e preservado.

No entanto, o que se vê ao longo do tempo é que a relação entre o museu e a sociedade para a qual ele presta serviço é cada vez mais distante; com diversos obstáculos para sua visitação por parte das classes sociais de menor poder aquisitivo e trabalhadora (DAMASCENO, 2018). Os museus não são tão visitados por essa população e seus conhecimentos acabam sendo acessados apenas por um determinado grupo de pessoas, sem alcançar a população em geral. Nos museus universitários, este conhecimento se mantém apenas entre a comunidade universitária, distante, muitas vezes, do restante da sociedade que, mais uma vez, se vê à margem deste conhecimento, divergindo aos ideais de museu universitário ditos por Meneses (1968).

Para que seja produzido o acesso cultural, segundo Teixeira Coelho (1997), são necessárias três dimensões: o acesso físico, o acesso econômico e o acesso intelectual. Neste sentido, percebemos que para que o acesso aos museus brasileiros seja plenamente conquistado seria necessária a superação de mecanismos de exclusão de várias parcelas da população em relação à cultura (LOURENÇO et al, 2016).

Durante a minha infância tive a sorte de estar inserida em uma família que valorizava a cultura e sempre buscou me inserir em ambientes favoráveis ao desenvolvimento do interesse por diferentes aspectos da cultura, mesmo com as dificuldades enfrentadas por se tratar de uma família de classe trabalhadora. Me lembro de visitar o Museu do Ipiranga quando criança e ficar maravilhada com a dimensão daquele local.

Com o passar dos anos continuei me interessando por museus e outros ambientes culturais e buscando me inserir neles. Com minha entrada na graduação

no curso de Geografia e início de minha carreira profissional busquei me inserir ainda mais nesses contextos, que já sabia que era o que me encantava. Sendo assim, passei a estagiar em museus, buscando ter ainda mais contato com a realidade que tanto me fascinava.

De início, fui estagiária no Museu Catavento, no Centro de São Paulo e, em seguida, pude estagiar por dois anos na Biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP que, por ser também a sede do curso de Pós Graduação em Museologia, me abriu ainda mais os olhos para que eu me aprofundasse nos estudos daquilo que eu já gostava de fazer.

Diante do meu tempo passado em Museus e de tudo o que pude observar, somado ao contato com as pessoas que sempre tive ao longo da vida, foi notável para mim o quanto o acesso aos museus é reduzido e incomum para aqueles que, como eu e minha família, estão inseridos em uma realidade de trabalho e luta, em oposição às famílias de classes sociais altas que são inseridas em diversos contextos culturais ainda na primeira infância.

Pensando nisso, diante dessas questões e das dificuldades de acesso para aqueles locais que tanto valorizo, surgiu a ideia desta pesquisa, de retomar a história e a constituição dos museus estatutários da USP, com ênfase em suas localizações em relação à região central da cidade de São Paulo e, com isso, buscando compreender como se dão os fluxos de visitantes nesses museus e sua relação com as dificuldades de acesso da população em geral, discutindo sobre suas diversas causas - a falta de tempo livre do trabalho, a falta de estímulo à prática de atividades culturais, a dificuldade de acesso aos equipamentos sociais, a mobilidade urbana e a segregação socioespacial, por exemplo -, além de questionar sua acessibilidade com relação à comunidade externa à Universidade.

Para que este trabalho pudesse se tornar realidade, os caminhos metodológicos de pesquisa fundamentaram-se em uma vasta pesquisa bibliográfica acerca do assunto tratado, perpassando por diversos autores, como o Professor Ulpiano Bezerra de Meneses, em sua produção *Museus e a Universidade* (1968) e *Os Usos Culturais da Cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais* (1999), Adriana Mortara, com seus estudos sobre público e seus trabalhos a respeito da observação de visitantes nos museus e Wagner Miquéias Damasceno, *O Lugar dos Museus e o direito à Cidade* (2018), que aborda o tema

museu na cidade e as diversas dificuldades de acesso vivenciadas pela população com relação à suas localidades e suas condições sociais, principalmente.

Para além de publicações gerais, recorri aos próprios museus estatutários da Universidade para visualizar melhor como eles abordam o tema relativo a seus públicos, solicitando seus estudos de público e realizando uma entrevista com um funcionário de cada um dos museus. Os resultados que consegui foram relevantes para esta pesquisa, ajudando a pensar a respeito das tratativas dos museus para com seus visitantes e seus resultados estão expostos e analisados nos capítulos 2 e 3 deste trabalho.

Estas entrevistas com os funcionários foram realizadas mediante um questionário, previamente elaborado por mim e aplicado via Google Meet ou email, em alguns casos; o questionário encontra-se anexado ao final deste trabalho,. Com relação ao MAE, tive a chance de realizar a entrevista com o Educador do Museu, via Google Meet, no dia 24 de março deste ano. Com o Museu do Ipiranga, também realizei uma entrevista com a Educadora do Museu, que aceitou conceder uma entrevista via Google Meet, no dia seguinte à entrevista do MAE, 25 de março. Com relação aos outros dois museus da lista, o MZ e o MAC, as entrevistas se deram via email, sendo enviado o questionário a que nos referimos acima a cada um dos entrevistados, de forma individual. A educadora do Museu de Zoologia e a coordenadora do educativo do MAC, respectivamente, me retornaram com ele devidamente respondido. Estas trocas de email ocorreram entre os meses de março e abril.

Por fim, para que eu tivesse dados elaborados por mim e que pudesse trabalhar sobre eles, realizei entrevistas com 10 visitantes de cada museu escolhido como objeto desse estudo, uma amostra pequena se comparada a outros trabalhos realizados por outros autores, mas que sustenta o resultado também alcançado por eles. Essas entrevistas foram realizadas presencialmente onde, na saída dos museus eu abordava o visitante e, com ele, preenchia um formulário (também previamente elaborado por mim e anexado ao final deste trabalho) a respeito de seu perfil socioeconômico e de sua visita ao museu naquele dia.

É importante destacar as dificuldades encontradas para a realização dessas entrevistas, tendo em conta, por exemplo, a burocracia do Museu do Ipiranga para permitir a realização destas, mesmo com minha situação de pesquisadora vinculada

à mesma Universidade que o administra, e também outras barreiras, como a quantidade de negativas que levamos dos visitantes no dia das entrevistas.

Para a realização destas elaborei o formulário com as questões para fazer ao público, via Google Forms e elaborei também o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), devidamente aprovado, bem como meu projeto de pesquisa, pelo Comitê de Ética da FFLCH/USP em 27 de dezembro de 2024 e, após isso, preenchido e entregue a cada um daqueles que aceitaram responder à entrevista.

As entrevistas foram realizadas aos sábados, sendo um museu em cada sábado e, em cada um deles busquei entrevistar 10 visitantes, não sendo pertencentes ao mesmo grupo familiar e/ou de amigos. Iniciei meu trabalho no dia 15 de março, quando realizei uma tentativa piloto de entrevista e, a partir dela, pude adequar minhas falas e o próprio questionário para que fossem mais adequados à realidade que enfrentava.

Ainda no sábado, 15 de março, após as devidas adaptações, parti para o Museu de Zoologia, vizinho do Museu do Ipiranga, e ali consegui, no período de uma hora e meia aproximadamente, as 10 entrevistas que buscava. No sábado seguinte, 22 de março, realizei as entrevistas no MAC. No MAC levei mais tempo para conseguir as entrevistas desejadas, cerca de três horas, por conta de seu público ser reduzido com relação aos museus da região do Ipiranga. Além disso, neste dia o Museu estava realizando a inauguração de uma nova exposição e estava ocorrendo uma aula de um curso oferecido pelo Museu, o que influenciou na quantidade de recusas à participação na entrevista pelos visitantes e impactou nas suas respostas, como naquelas relacionadas ao motivo da visita e quanto tempo durou a visita. As entrevistas do MAE foram realizadas no sábado subsequente ao do MAC, no dia 29 de março, e foi o mais difícil de todos os museus, por conta de seu público bastante reduzido em comparação aos outros. Neste dia, passei o sábado todo no museu, em todo seu horário de funcionamento (das 10h às 16h) e, ainda assim, cheguei a apenas 7 entrevistas realizadas, visto que não passaram mais de 7 visitantes e/ou grupo de visitantes no museu ao longo de todo o dia. Por último, meu retorno ao Museu do Ipiranga se deu no sábado, 26 de abril, uma data mais distante das outras visto a lentidão do processo de autorização para a realização das entrevistas. No Museu do Ipiranga, as 10 entrevistas foram alcançadas rapidamente, cerca de uma hora e meia, assim como no Museu de Zoologia, por conta de seu fluxo grande de

visitantes, mesmo com as negativas recebidas, são tantas pessoas entrando e saindo do museu que facilitam a execução da pesquisa.

Após todos estes passos, chegamos à etapa de escrita deste trabalho, que está dividido em 3 capítulos. O primeiro aborda brevemente a Universidade e a trajetória de suas aquisições e formações dos 4 museus estatutários a ela vinculados, além da história de cada um deles, individualmente. O segundo capítulo apresenta os dados desses museus e como se dá o fluxo de visitantes, além de apresentar os resultados dos dados adquiridos a partir de seus estudos de público e das entrevistas. Por último, o terceiro capítulo analisa os dados apresentados no capítulo anterior, e os vincula às hipóteses aqui trabalhadas, buscando responder às questões de acesso aos museus inseridas ao longo de todo o trabalho.

Cap. 1 - A USP e seus museus

A Universidade de São Paulo (USP), fundada em 1934, pressupõe, desde seu decreto de criação¹, o desenvolvimento de museus e outros instrumentos de pesquisa e cultura para composição da universidade (CAMPOS, 2004).

Atualmente, a Universidade possui quatro museus estatutários, definidos, inicialmente, como órgãos de integração a partir do Estatuto de 1988² (BRANDÃO E COSTA, 2007) e, mais adiante, como Unidades de Ensino, com autonomia plena, sendo eles o Museu Paulista - MP, o Museu de Zoologia - MZ, o Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE e o Museu de Arte Contemporânea - MAC, além dos museus de unidades, que são considerados órgãos de integração departamental das unidades de ensino, pesquisa e extensão à qual pertencem (SILVA E SILVIA, 2015).

Os museus estatutários - de principal interesse para este trabalho -, em sua maioria, se deram a partir da divisão do acervo do Museu Paulista, vinculado à Universidade desde sua fundação, e serão melhor apresentados ao longo deste capítulo.

Esses Museus estão localizados na região central da cidade de São Paulo, em seu Centro Expandido e no bairro do Butantã, na Cidade Universitária, conforme Mapa 1.

¹ Decreto Nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934. Capítulo VI, Art. 22º.

² Resolução Nº 3.461, de 7 de outubro de 1988.

Mapa 1: Museus Estatutários da USP e Centro Expandido da cidade de São Paulo



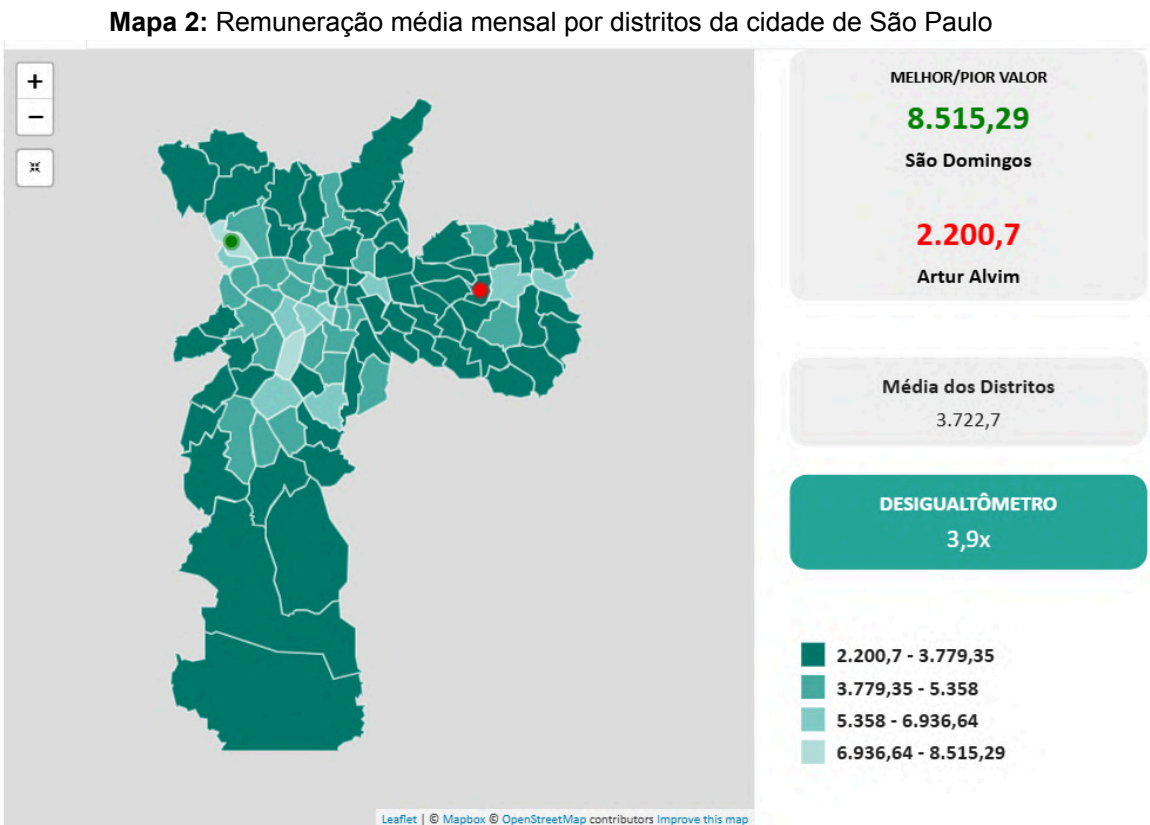
Concepção: autora. Execução Técnica: Gabriel Domingos.

O mapa representa, pela linha em verde, a região do Centro Expandido da Cidade de São Paulo, que abrange, entre outros, os bairros do Ipiranga e Vila Mariana e, bastante próximo a estes, o bairro do Butantã. É nesses bairros que estão inseridos os Museus Estatutários da USP, sinalizados no mapa pelos ícones de museus e pelos seus respectivos nomes. Com isso, pode-se notar um certo padrão nos arredores dos Museus. Bairros mais centrais, com diversas regiões de

elevada arborização e qualidade de vida, sendo eles, em geral, considerados os mais caros da cidade. Dessas localizações se pode depreender o distanciamento dos Museus da USP em relação à população periférica, e, ao contrário disso, a proximidade de um público com poder aquisitivo muito maior.

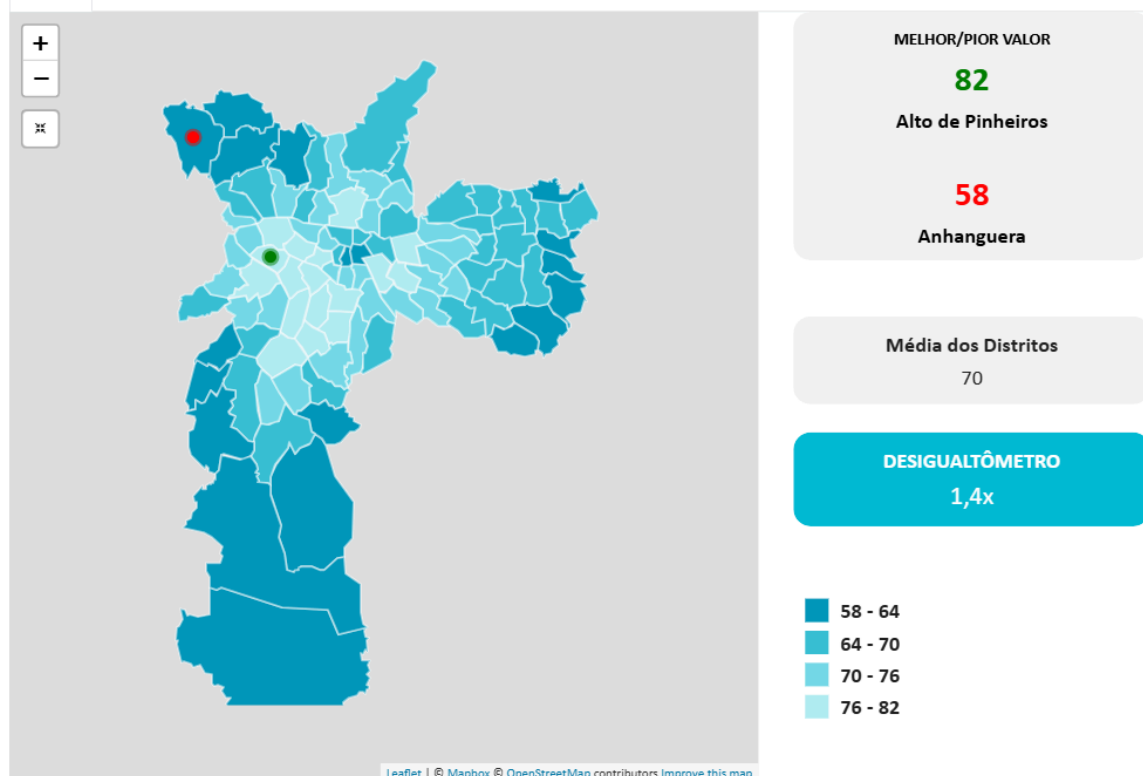
A respeito das diferenças de renda, qualidade de vida e acesso a equipamentos culturais, a Rede Nossa São Paulo, a partir do Mapa da Desigualdade, ampara o discutido por esta pesquisa, de que estes bairros mais centrais se sobressaem quando comparados aos bairros mais periféricos, oferecendo mais infraestrutura e equipamentos urbanos, que culminam numa população mais envolvida aos instrumentos da cidade, como os próprios museus.

O Mapa 2 representa, portanto, a remuneração média mensal do emprego formal na Cidade de São Paulo a partir de seus distritos, reforçando as diferenças de renda. Já o Mapa 3, representa a expectativa de vida das pessoas de acordo com seus locais de residência na cidade, o que reflete a qualidade de vida experienciada por elas ao longo dos anos. Por fim, o Mapa 4 demonstra a existência de equipamentos públicos de cultura nos distritos, sendo estes, mais uma vez, mais comuns à região central da Cidade.



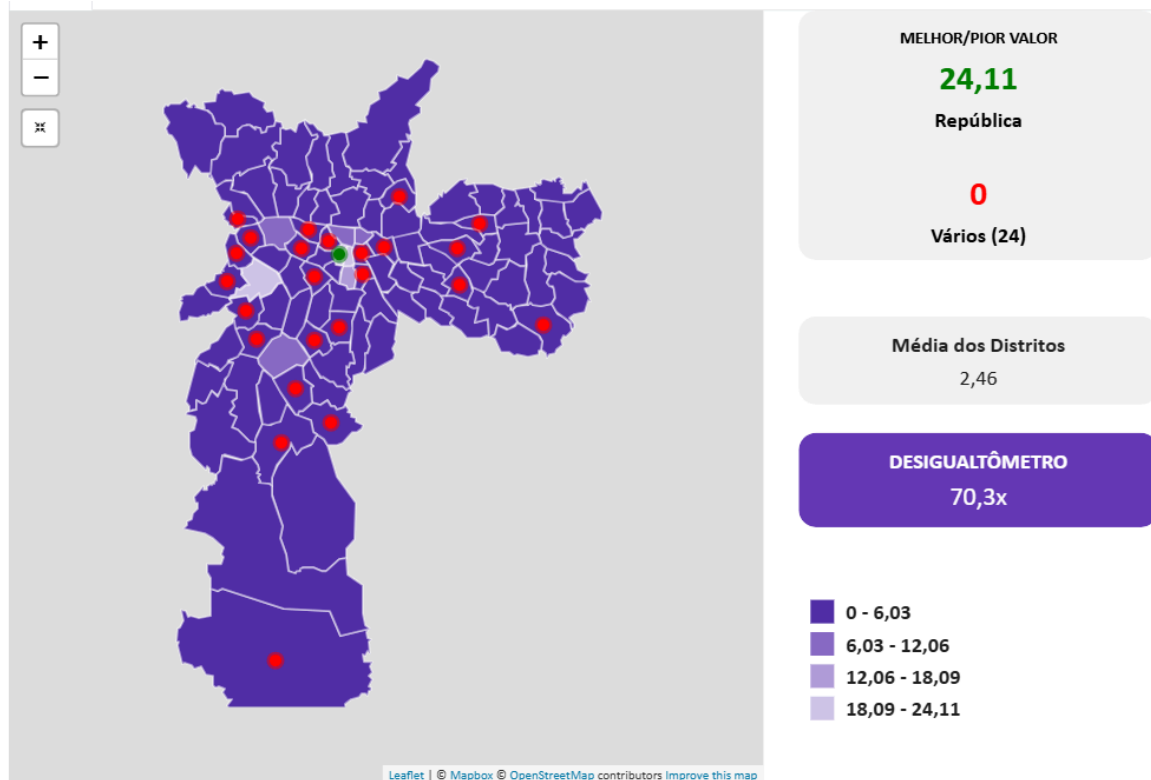
Fonte: Mapa da Desigualdade, Rede Nossa São Paulo, 2024.

Mapa 3: Expectativa de vida por distritos da cidade de São Paulo



Fonte: Mapa da Desigualdade, Rede Nossa São Paulo, 2024.

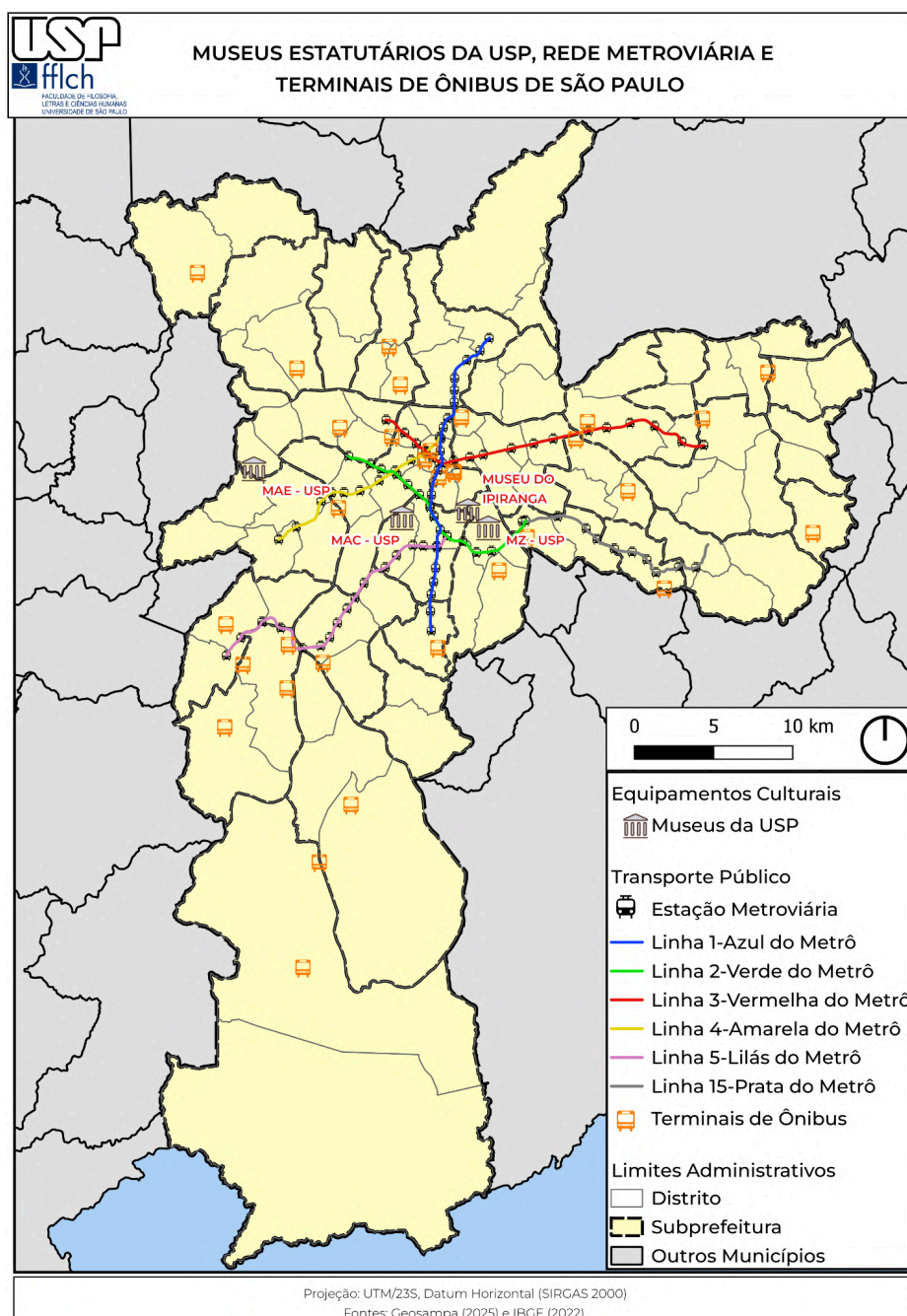
Mapa 4: Equipamentos públicos de cultura por distritos da cidade de São Paulo



Fonte: Mapa da Desigualdade, Rede Nossa São Paulo, 2024.

Além disso, os museus também estão inseridos em áreas mais distantes àquelas alcançadas pelas linhas de metrô e terminais de ônibus da cidade, como demonstrado pelo Mapa 5, a seguir:

Mapa 5: Museus Estatutários da USP, rede metroviária e terminais de ônibus da cidade de São Paulo



Concepção: autora. Execução Técnica: Gabriel Domingos.

Para além do mapa, calculando as distâncias do percurso, tem-se que o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, inserido dentro da Cidade Universitária se encontra a, aproximadamente, 4,3 km do Terminal Butantã e da Estação Butantã

do metrô, e também por volta de 3,9 km da estação Cidade Universitária da CPTM. O Museu de Arte Contemporânea se encontra na região do Parque Ibirapuera, um tanto quanto afastado de estações de metrô e trem, sendo as estações Ana Rosa e Vila Mariana as mais próximas, a aproximadamente 2 km de distância do Museu, cada uma delas. Já o Museu do Ipiranga e o Museu de Zoologia estão localizados, os dois, na Avenida Nazaré, no Ipiranga. Ambos estão a uma distância de aproximadamente 2 km da Estação Alto do Ipiranga do Metrô, sendo ela a mais próxima.

Como visto, o trajeto das estações até os museus, ainda que possam ser feitos por meio de caminhada, são relativamente longos, mais ainda quando pensamos na parte da população com maior dificuldade de locomoção ou até mesmo crianças e idosos. Se fazendo então necessário mais um ônibus para realizar o trajeto, o que acrescenta no pagamento de mais uma passagem que, muitas vezes, não tem integração com o metrô.

1.1. Museu do Ipiranga

O Museu Paulista (MP), inaugurado em 1895, após seus, aproximadamente, 5 anos de construção, como apresentado em Lourenço et al. (2002), foi projetado e construído para ser um Edifício Monumento em comemoração ao centenário da Independência do Brasil.

Desde a sua construção, o Museu do Ipiranga é fortemente relacionado à sua localização, por estar inserido próximo às margens do Rio de mesmo nome, considerado, historicamente, como o local do grito da Independência por Dom Pedro I (CAMARGO, 2017), localizado, portanto, no Parque da Independência, no Ipiranga, como demonstra o Mapa 6. O bairro do Ipiranga, pertencente à Zona Sul de São Paulo, é caracterizado por uma ocupação antiga por famílias proprietárias de terras, com boa estrutura de circulação, áreas arborizadas e paisagens bastante expressivas com um papel simbólico e memorialístico no imaginário social da cidade, como apresentado por Tourinho e Pires (2025).

USP

**MUSEU PAULISTA
E MUSEU DE
ZOOLOGIA**

São Paulo - SP

EDÍFIOS

EQUIPAMENTOS PÚBLICOS E APOIO

● Museu Paulista

● Museu de Zoologia

SISTEMA VIÁRIO

MOBILIDADE

CONTEXTO

INSCRIÇÃO URBANA

Com o recebimento da doação de Joaquim Sertório, até então um museu particular, o edifício passou a ser utilizado, pelo governo, como um museu, público, sem ter um eixo de assuntos definidos, possuindo coleções de assuntos bastante variados, como botânica, mineralogia, arqueologia, objetos domésticos, entre outros (CAMARGO, 2017).

Com a fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, e sob a direção de Affonso Taunay, o museu passou a ser, desde o regimento de formação da universidade, um instituto complementar, passando, assim, a ser cada vez mais valorizado e considerado um órgão de integração onde, a partir de seus acervos, seriam motivados trabalhos de pesquisa, ensino e extensão, sob uma perspectiva inter e transdisciplinar (DE ABREU, 2000; ORNSTEIN, 2015). Ainda que vinculado à USP desde sua criação, foi somente em 1963 que o Museu passou a ser

formalmente incorporado por ela, a partir do decreto nº 7.843 de 11 de março (BRANDÃO E COSTA, 2007; CAMARGO, 2017)

Foi a partir destes diversos acervos do Museu Paulista, desmembrados ao longo dos anos, de acordo com os ideais de seus diretores, que se formaram os outros museus, como o de Arqueologia e o de Zoologia.

O Museu Paulista, desde sua fundação, foi popularmente conhecido pelo público como Museu do Ipiranga. Após 9 anos fechado para reforma (desde 2013) por questões de conservação e segurança do prédio, o Museu foi reaberto ao público em setembro de 2022, completamente restaurado e com uma nova proposta museológica. Com todas as mudanças realizadas, a Universidade adotou oficialmente o nome Museu do Ipiranga e, o nome de Museu Paulista passou a denominar o conjunto do Museu do Ipiranga e o Museu Republicano de Itu, ambos vinculados à USP e com escopo voltado à História Nacional. O Museu Republicano de Itu, por não ser localizado na cidade de São Paulo, como seu próprio nome já aponta, não será tratado neste trabalho. Por isso, a partir deste ponto, o chamaremos exclusivamente de Museu do Ipiranga.

Foto 1: Inauguração do Novo Museu do Ipiranga - 2022.

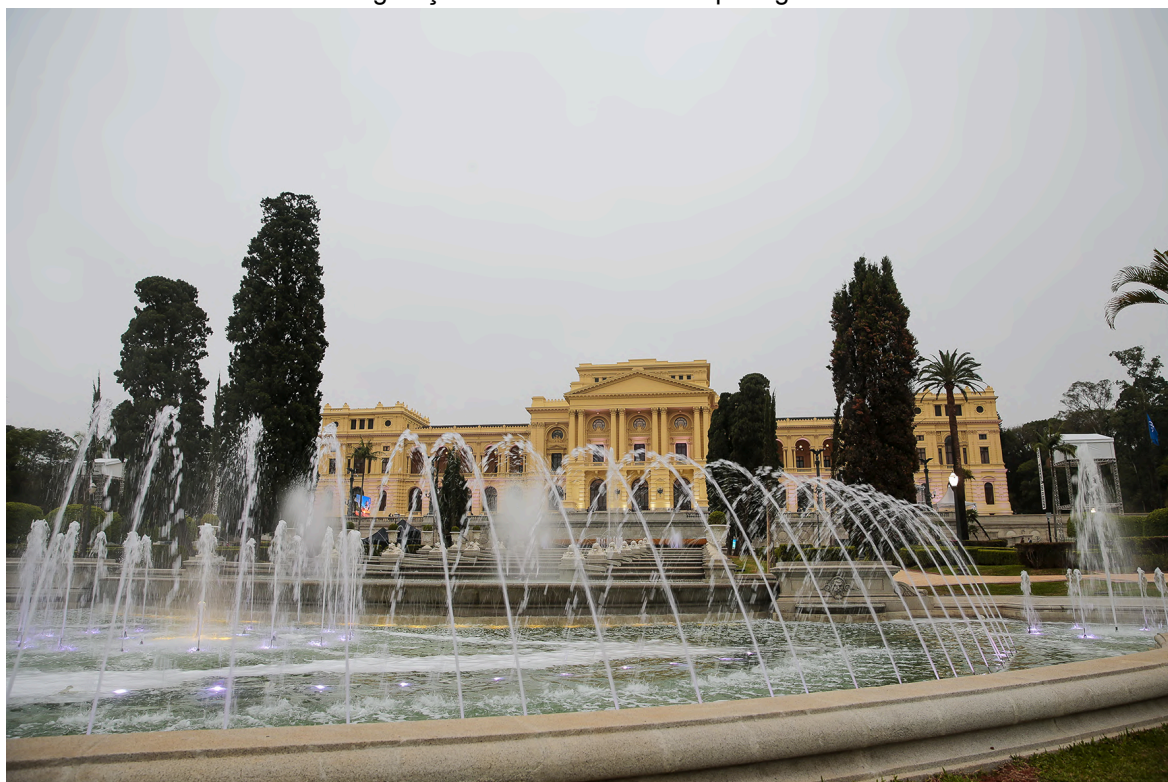


Foto: Marcos Santos. Fonte: USP Imagens.

1.2. Museu de Zoologia

Em 1925 foi criada a seção de Zoologia no então Museu Paulista. Em 1939 esta seção é transferida para a então Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio³, onde passa a formar o Departamento de Zoologia, passando a ocupar, em 1941, um edifício próprio, construído especialmente para este fim - situado no bairro do Ipiranga, ao lado do Museu do Ipiranga, na Avenida Nazaré, nº 481 - e que abriga tais coleções até hoje (Quantos anos faz o Brasil?, 2000; BRANDÃO E COSTA, 2007).

Foto 2: Fachada do Museu de Zoologia - 2023.



Foto: Marcos Santos. Fonte: USP Imagens.

É em 1969 que o Departamento de Zoologia é incorporado à Universidade de São Paulo e recebe o nome de Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP), integrando-se, assim, à estrutura acadêmica universitária (LOURENÇO ET AL., 2002).

As funções do Museu, ao ser incorporado à USP, continuam as mesmas. Desenvolvendo atividades científicas, culturais e educacionais relacionadas,

³ Cabe dizer que a desvinculação da coleção do Museu Paulista possuiu caráter político, a partir dos interesses do diretor do Museu à época e foi plenamente dissociada de intenções científicas, como apresentado por Vanzolini (1994).

essencialmente, à constituição, conservação e preservação das coleções zoológicas sistemáticas (BRANDÃO E COSTA, 2007). Mas o Museu passa a ser reconhecido como museu de história natural e, a partir de seu acervo, estabelece uma imbricada relação entre pesquisa, ensino e extensão universitária, sendo centro fundamental para desenvolvimento da zoologia (CAMARGO, 2017).

Atualmente, o Museu é referência internacional no desenvolvimento do conhecimento acerca da biodiversidade brasileira e global, como apresentado por Camargo (2017), recebendo por volta de 169 mil visitantes espontâneos no último ano (2023), de acordo com o anuário mais recente da Universidade, de 2024.

1.3. Museu de Arte Contemporânea

Já o MAC, Museu de Arte Contemporânea, teve sua origem em 1963, quando foi transferido à USP o acervo do antigo Museu de Arte Moderna (MAM), que era formado pelas coleções do casal de mecenas Yolanda Penteado e Ciccillo Matarazzo, prêmios recebidos das Bienais de São Paulo e aquisições do próprio museu até 1961 (CAMARGO, 2017; SEGAWA et al, 2015).

Foi, portanto, a própria USP a responsável pela fundação deste Museu, baseada nos princípios universitários fundamentais, sendo eles, a busca do conhecimento e sua disseminação na sociedade, como apresentado por Camargo (2017).

De início, foi acordado que o MAC provisoriamente manteria suas atividades no Pavilhão Armando Arruda Pereira, localizado no Parque Ibirapuera, onde funcionava a Fundação Bienal de São Paulo (KARPINSCKI, 2018). Com o passar dos anos, o Museu passou a ocupar sua sede no Campus USP Butantã, onde se manteve por vários anos. Foi em 2013, no ano em que completou 50 anos, que o Museu passou a ocupar seu próprio edifício, no chamado Palácio da Agricultura, um complexo arquitetônico inaugurado em 1954 por Oscar Niemeyer, localizado na Avenida Pedro Álvares Cabral, nº 1301, em frente ao Parque do Ibirapuera. Com esta nova sede o Museu se ampliou em mais de trinta mil m², adquirindo, com isso, um melhor espaço para seu acervo e ampliando significativamente seu número de visitantes (SEGAWA et al, 2015).

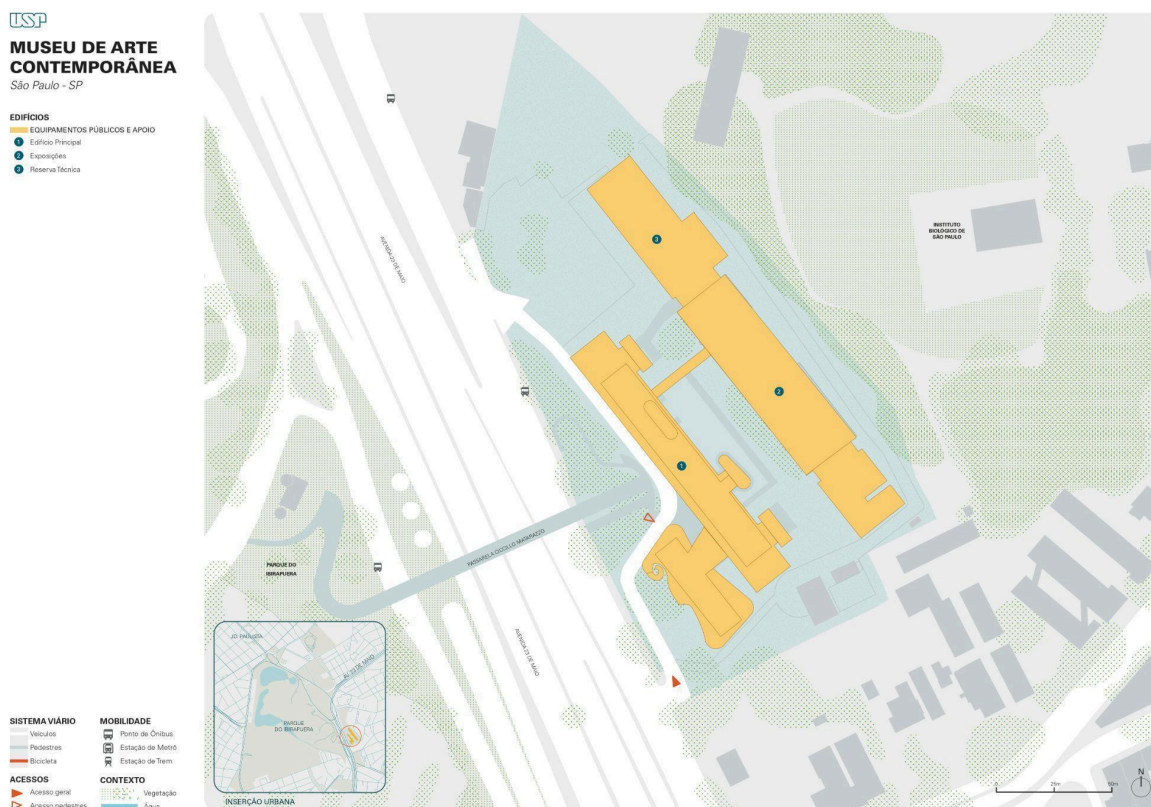
Foto 3: Fachada do MAC USP - 2023.



Foto: Marcos Santos. Fonte: USP Imagens.

Sua localização é bastante interessante, situado na Vila Mariana, bairro nobre de São Paulo, o Museu, assim como os anteriores, se encontra ao entorno de um grande e conhecido parque da cidade - o Ibirapuera -, numa região bastante arborizada e de casas luxuosas, com uma predominante classe social mais alta de moradores da região, além de sua localização bastante central na cidade, com grande capacidade de circulação para diversos transportes, com estações de metrô, diversas linhas de ônibus e principais avenidas da cidade passando pelo local.

Mapa 7: Museu de Arte Contemporânea



Fonte: Anuário Estatístico da USP, 2024.

Atualmente, conforme divulgado em seu site⁴, o MAC possui um acervo imenso, com mais de 10 mil obras, que variam em diferentes formatos e tipologias de acervo. Além disso, o Museu se tornou um centro de referência de arte moderna e contemporânea, internacional e brasileira, conservando e mantendo à disposição de seu público suas obras, sua biblioteca e importantes arquivos documentais.

1.4. Museu de Arqueologia e Etnologia

O mais recente a ser fundado foi o MAE, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, em 1989, a partir da fusão dos acervos do ex-Instituto de Pré-História e do Acervo Plínio Ayrosa, do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e do acervo de arqueologia e etnologia do Museu do Ipiranga. (CAMARGO, 2017; BRANDÃO E COSTA, 2007).

⁴ <http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/institucional/institucional.asp>

Assim como o MAC, o MAE não esteve situado em sua localização atual desde sua fundação. Tendo passado, em sua trajetória, por diversas sedes, encontra-se, até hoje, esperando por um espaço que se adeque à qualidade e tamanho de seu acervo, há anos idealizando esse espaço no projeto da Praça dos Museus⁵, que segue com obras paradas (BRUNO, 2015). Suas sedes, até então, foram todas emprestadas por edifícios localizados no interior da Cidade Universitária, já tendo passado pelo edifício da reitoria, o Prédio da História e Geografia, o Bloco D do CRUSP e, onde está atualmente, o prédio do antigo Fundo de Construção da USP, ao lado da Prefeitura do Campus, situado na Avenida Professor Almeida Prado, nº 1466 (VASCONCELLOS, 2023).

Sua sede, inserida na Cidade Universitária, se encontra, portanto, no Bairro do Butantã, o único localizado fora da região do centro expandido da cidade mas, ainda assim, bastante próximo a ela. Mais uma vez, o museu está localizado em uma região bastante agradável e arborizada, próximo a uma área da cidade bastante valorizada e de um parque importante como o Villa-Lobos.

⁵ A proposta da Praça dos Museus se baseava na criação de um espaço adequado que viria a ser um setor de museus, inserido na Cidade Universitária. O projeto foi elaborado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha e as obras iniciadas em 2012. No entanto, devido à contenção de verbas, as obras foram interrompidas em 2014, como apresentado por Camargo (2017), e seguem assim descontinuadas até os dias atuais.

Foto 4: Fachada MAE - 2024.



Foto: tirada pela autora.

Ainda que sem sua sede ideal, o Museu de Arqueologia e Etnologia, além de se diferenciar dos outros estatutários por ser o único inserido dentro da cidade universitária, também se difere no tamanho, sendo o de menor espaço expositivo, dentre eles. No entanto, o Museu cumpre seu papel, afinal, é responsável pelo programa de pós-graduação em arqueologia desde 2004, é sede principal do programa de pós-graduação Interunidades em Museologia desde 2012, sua estrutura conta com várias salas de aula e possui um riquíssimo acervo em sua reserva, sempre cooperando e em parcerias com outras instituições e exposições extramuros, além de preservar e manter um acervo riquíssimo a respeito da etnografia brasileira (BRUNO, 2015; Quantos anos faz o Brasil?, 2000).

Cap. 2 - Os Museus e seus visitantes

O Museu do Ipiranga, um dos museus com maior visibilidade da cidade, é o único desta lista que possui ingresso cobrado, no valor de 30 reais a inteira (valor em junho de 2025), gratuito apenas às quartas, primeiro domingo de cada mês e nos feriados do aniversário de São Paulo (25/01) e dia da Independência (07/09). Sua visita requer, portanto, o agendamento e a compra dos ingressos com antecedência, via *site* ou bilheteria presencial (sujeito à disponibilidade). Seu horário de funcionamento é de terça a domingo, das 10h às 17h, como divulgado em seu próprio *site*.

Os outros museus da USP, ainda que gratuitos, possuem horários de funcionamento diferentes. O Museu de Zoologia está aberto nos mesmos dias e horários do seu vizinho, Museu do Ipiranga, de terça a domingo, das 10h às 17h. Já o MAC funciona de terça a domingo, das 10h às 21h, e o MAE, na Cidade Universitária, possui visita aberta ao público às segundas, quartas, quintas e sextas das 09h às 17h e aos sábados das 10h às 16h.⁶

Importante dizer que esses horários impactam diretamente os fluxos dos visitantes nestes museus. Não é de hoje que o público dos museus é estudado, buscando traçar um perfil daqueles que os visitam, na intenção de ampliar o público alcançado.

Almeida (2002) aborda os diferentes públicos dos museus universitários, retratando a história do debate sobre quais públicos esses museus devem atender. Em um outro trabalho, a mesma autora - Almeida (2004) -, faz um comparativo entre visitantes do Museu Paulista, Museu de Zoologia e Pinacoteca (que não faz parte da análise deste trabalho), onde ela se baseia em pesquisas de público para discutir as motivações e expectativas dos visitantes em museus de diferentes tipologias (um museu de história e outro de ciência, no caso); além de analisar seus perfis socioeconômicos e seus hábitos culturais. Como resultado, o trabalho demonstra que a frequência de visitas a museus e instituições culturais aumenta de acordo com a escolaridade e renda do visitante. Em suas palavras:

⁶ Todos os dias e horários de funcionamento foram retirados dos sites dos próprios museus, sendo eles:

<https://museudoipiranga.org.br/visite/>

<https://mz.usp.br/pt/visitas/>

<http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/institucional/orientacao-visitas.asp>

<https://mae.usp.br/>

Todas as pesquisas de perfil de público de museus evidenciam a alta escolaridade como característica dos visitantes. Assim, todos os tipos de museus recebem visitas de pessoas com nível superior (graduação e pós-graduação) e só alguns atraem o público menos escolarizado, geralmente zoológicos, centros de ciências e parques. Fenômeno análogo se dá em relação à renda e ao padrão socioeconômico. (Almeida, 2004, p. 291)

Mais adiante no texto, a autora (op cit) reafirma o majoritarismo de públicos altamente escolarizados e com rendas superiores, quando comparados à população em geral, ainda que haja uma certa heterogeneidade com relação ao público do Museu do Ipiranga e o de Zoologia, mesmo sendo eles vizinhos, já que o público do Museu do Ipiranga é um pouco menos escolarizado, com menor renda e menos frequentador de museus do que os outros museus comparados, sendo assim considerado como o mais popular. Por fim, a autora considera que o perfil sociodemográfico dos visitantes desses museus é bastante semelhante ao perfil do público de museus internacionais, público de alta renda e bastante escolarizado; ainda que suas motivações e expectativas sejam divergentes de acordo com a tipologia de cada museu.

Para além dos estudos de Mortara (2002; 2004), há diversas outras fontes que trabalham a temática do público dos museus. O livro “Que público é esse?”, de 2013, retoma o assunto a respeito do perfil de público dos museus, caracterizando-os, a partir do relatório mais recente à época do Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC), como:

[...] uma tendência dos museus em atrair visitantes entre 20 e 59 anos, ou seja o público frequentador de museus é um público, majoritariamente, adulto. Outro dado mostra que os museus são muito pouco visitados por idosos (maiores de 60 anos) e que a visita a museus tende a crescer quanto maior é a renda e a escolaridade do visitante. Essa pesquisa mostra, ainda, que há uma tendência dos museus em atrair mais o público feminino. Tendência essa que não ocorre só no Brasil, mas em diversas instituições de outros países. (MARTINS et al. apud OMCC, 2013, p.22)

Além de caracterizar o público dos museus, o livro “Que público é esse?” discute as razões que dificultam a visita a essas instituições. Sobre isso diz que:

Conhecer quem não frequenta os museus - ou seja, “os não públicos” - e suas razões de não visitarem é essencial para o planejamento de ações estratégicas que visam o aumento do número de visitantes e sua fidelização. Entre os principais fatores que dificultam a visita a museus e centros culturais estão a falta de divulgação, dificuldade de transporte ou acesso e custo do ingresso ou de uma visita. (Que público é esse?, 2013, p. 23)

Com isso, notamos a semelhança dos discursos de Adriana Mortara (2002; 2004) e o referido livro, onde é notável, mais uma vez, a expressividade do padrão de público que visita museus.

Outro livro, intitulado “Cultura nas Capitais”, organizado por Meirelles (2018), e o *site* criado a partir dele, de mesmo título, também apresenta o debate a respeito do acesso aos diversos instrumentos culturais - entre eles os museus - nas principais capitais do país. Ele apresenta o resultado de diversas entrevistas com cidadãos dessas capitais a respeito de suas atividades realizadas em seu tempo livre e de lazer, além de traçar o perfil socioeconômico dessa população. A respeito do que as pessoas fazem quando não estão trabalhando, nem estudando, o livro diz:

Tomar a decisão de ir ao teatro, ao museu ou ao cinema não depende apenas da qualidade da programação e das condições de acesso, como preço, local do evento, horário etc. Existem outras necessidades e alternativas que também influenciam essa escolha, e que são relacionadas com a renda, a escolaridade, a idade e o gênero.

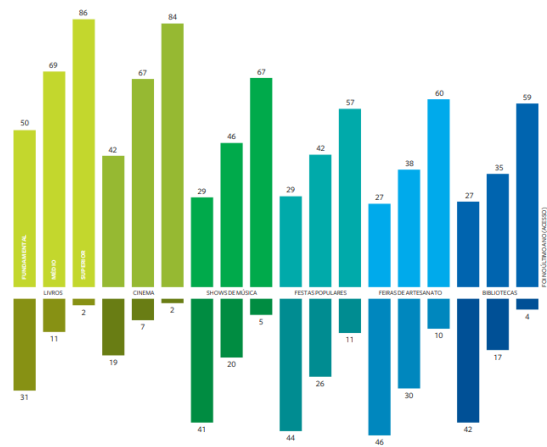
A pesquisa mostra, por exemplo, que pessoas com ensino superior e das classes A e B citam com mais frequência eventos e espaços culturais. Já as atividades de mídia, como ver TV, são mais fortes entre os menos escolarizados e os das classes C e D/E. Os mais velhos dão mais espaço às atividades religiosas do que os jovens, enquanto estes praticam mais esportes que seus pais e avós. (Cultura nas capitais, 2018, p. 20)

E o livro continua com a apresentação dos resultados das entrevistas e cruzamentos de dados a partir de gráficos, a respeito de diferentes questões, como educação e renda, como mostram as figuras a seguir:

Figura 1: Escolaridade e acesso a diferentes atividades culturais

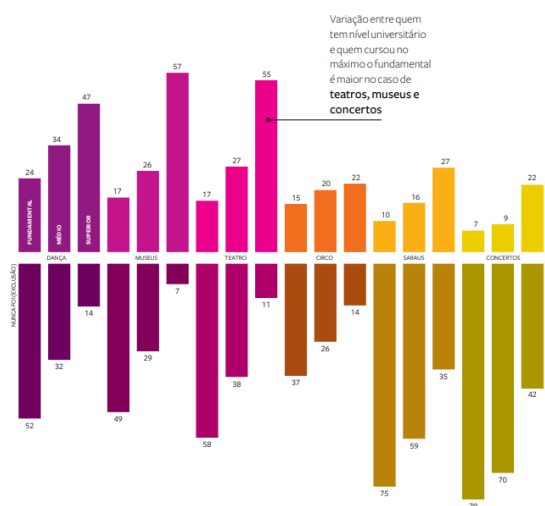
Escolaridade estimula o acesso a todas as atividades culturais

PERCENTUAL DE QUEM FOI NOS DOZE MESES ANTERIORES À PESQUISA E DE QUEM NUNCA FOI A ALGUMAS MANIFESTAÇÕES



E a exclusão chega a quase 80% no nível fundamental

PROPORÇÃO DE PESSOAS COM ESSA ESCOLARIDADE QUE NUNCA FORAM A ATIVIDADES CULTURAIS SÓ NÃO SUPERA OS 30% EM CINEMA

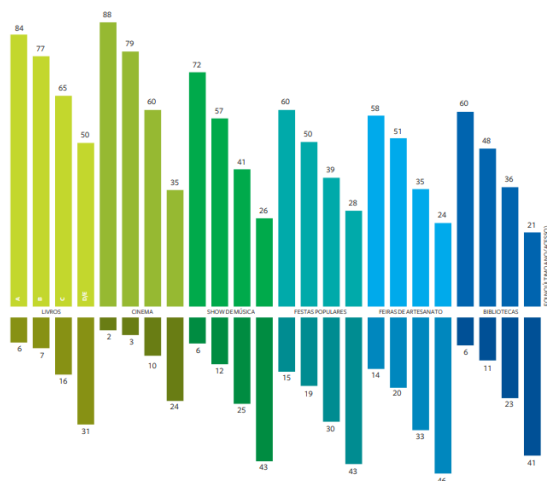


Fonte: Cultura nas capitais, 2018, páginas 36 e 37.

Figura 2: Renda e acesso a diferentes atividades culturais

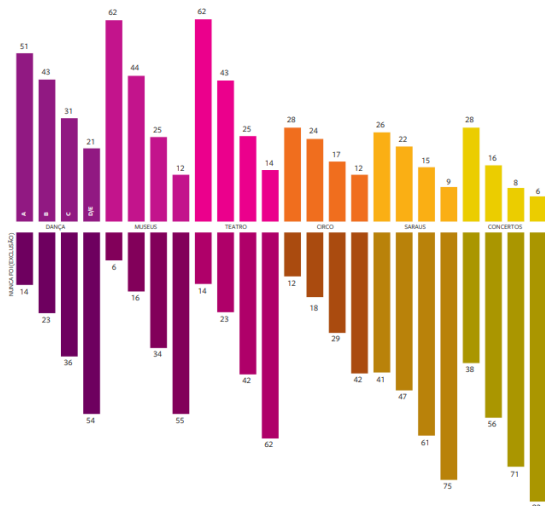
Renda tem maior impacto no acesso a concertos, museus e teatros

PERCENTUAL DE QUEM FOI A ESTAS ATIVIDADES NO ÚLTIMO ANO NA CLASSE A É AO MENOS QUATRO VEZES MAIOR QUE NA CLASSE D/E



Classe D/E tem exclusão quase sempre superior a 40%

PERCENTUAL DE QUEM NUNCA FOI A ALGUMAS ATIVIDADES EM MENOR EM CINEMA E EM LEITURA DE LIVROS



Fonte: Cultura nas capitais, 2018, páginas 44 e 45.

Por fim, como resultado, há também um site - de mesmo nome⁷ -, interativo e que permite o cruzamento de dados numa quantidade ainda maior do que os já realizados ao longo da publicação.

⁷ <https://2017.culturanascapitais.com.br>

Resultados da pesquisa sobre os estudos de caso

Quanto aos museus estatutários da Universidade, seus estudos de público e as entrevistas realizadas com seus funcionários, trataremos a seguir, individualmente.

a) Museu do Ipiranga

A respeito do Museu do Ipiranga, me foram enviados 3 documentos, sendo eles um dossiê com resultados de pesquisas de público realizadas no museu entre 2002 e 2018; um relatório de trabalho realizado pela empresa Memória Web a respeito das atividades a serem executadas pelo setor educativo pós-reabertura do Museu (2022); e um relatório de pesquisa de público mais recente, realizada em 2023.

O primeiro documento apresenta, além de diversas outras informações, gráficos e relatórios com os resultados das pesquisas de perfil de público espontâneos, de 2004 a 2006), e de 7 de setembro, realizadas entre setembro de 2002 a setembro de 2010. Ao longo de todo o dossiê o Museu demonstra uma grande preocupação em delimitar o seu perfil de público, admitindo que este conhecimento é extremamente benéfico e fundamental para o planejamento estratégico da instituição. Após leitura e análise dos gráficos, o perfil de visitantes traçado é de um público majoritariamente feminino, jovem, altamente escolarizado e com renda familiar elevada e, mesmo ao longo dos anos, o perfil de visitação se manteve bastante similar.

O segundo documento retrata, mais uma vez, a preocupação do Museu com relação ao estudo de seu público. Por ter sido publicado nos anos em que o Museu esteve de portas fechadas e por se tratar de uma espécie de plano de ação após sua reabertura, possui, ao final, um planejamento para a realização de estudos de público a ser desenvolvido, contando com aplicação de questionário aos visitantes e uma proposta metodológica pela qual se daria este estudo.

Por fim, o terceiro documento que recebi do Museu do Ipiranga é um relatório da pesquisa de público mais recente - de 2023 - após sua reabertura. Esta pesquisa seguiu as orientações do documento anterior, que criou o questionário para os visitantes, as orientações de sua aplicação e sua análise metodológica final. Ao todo, foram entrevistados 236 visitantes e os resultados destas entrevistas apontam para um público majoritariamente feminino e branco, com idade bastante

diversificada e alto grau de escolaridade. A respeito do local de residência, 182 dos entrevistados são do estado de São Paulo e, destes, quase 70% são da cidade de São Paulo e da região da Grande São Paulo. Além disso, a maior parte, 65,5% dos entrevistados haviam visitado outros museus ou centros culturais nos últimos 12 meses, demonstrando, portanto, um certo hábito cultural. O relatório segue com informações coletadas a respeito dos visitantes com relação às exposições, que não são úteis para a continuidade deste trabalho.

Ainda a respeito do Museu do Ipiranga, pude realizar uma entrevista, via Google Meet - com base em um questionário previamente elaborado por mim e que encontra-se anexado a este trabalho para apresentação de todas as suas questões -, com uma funcionária do setor educativo. Ao longo da entrevista, a funcionária (Entrevistada 1) reforça o que é apresentado nos relatórios a respeito do perfil de público, com um mapeamento geral configurado a partir dessas pesquisas previamente apresentadas, enfatizando que o Museu do Ipiranga é um dos museus de maiores destaques da cidade mas que, infelizmente, sua visitação, e de outros museus em geral, é voltada para as classes A e B. Quando questionada, em oposição à primeira questão do público mais recorrente, o menos recorrente seria, justamente, esse público pertencente às classes sociais mais baixas. A Entrevistada 1 fala ainda que acredita que o museu carece justamente de pesquisas sistemáticas, a respeito do público. Por outro lado, afirma que recebem uma grande procura para agendamento de grupos escolares, porque o museu representa ainda uma visão muito equivocada a seu respeito como local histórico, como o famoso “local da independência”, ou até mesmo “antiga casa de Dom Pedro I” e, sobre isso, informou que se encontram em processo de correção de rota, tentando superar as questões deficitárias do senso comum de que o museu foi feito para venerar o imperialismo no país.

Quando questionada a respeito de fatores que possam interferir para este público que visita e/ou deixa de visitar o museu, a Entrevistada 1, que é uma educadora, diz acreditar que há sim a questão da formação educacional e cultural das pessoas, gerada por uma porção de barreiras impostas, como a barreira econômica, de deslocamento (para pessoas de áreas periféricas), dificuldade de professores de programarem um passeio escolar até o museu, que muitas vezes fica longe da escola. Aborda também a questão da estrutura e do contexto social onde as famílias estão inseridas, sendo diferente a proposta de visita ao museu de uma

criança que sempre foi inserida em um ambiente de instituições culturais e museus de uma criança periférica que nunca foi incentivada a adentrar esses lugares. Inclusive acrescenta que ela própria foi ter contato com museus apenas em seu estágio da graduação, através do MAE. Além disso, a Entrevistada 1, inclui ao debate o valor monetário do passeio como um todo para uma família comum. O preço da passagem (pensando a respeito da distância do museu do metrô), mais alimentação e somados ao valor do ingresso do museu fica elevado para aqueles que vêm de uma realidade marcada por recursos financeiros escassos. Além disso complementa que mesmo os dias de gratuidade são voltados para a população mais rica, visto que os dias gratuitos são o primeiro domingo do mês, apenas, e as quartas-feiras, um dia de semana em que a classe proletária se encontra no trabalho.

No que concerne à alteração do público ao longo dos anos, a Entrevistada 1 responde que, provavelmente por conta dos anos fechados para reforma, essa questão fica mais difícil de ser respondida. Mas após sua reabertura, ela nota que, ainda que com o público bastante semelhante, o museu tem trabalhado bastante em uma espécie de “busca ativa”, que tem resultado em um apelo maior de busca pelo museu de pessoas com necessidade de acessibilidade, visto que agora o museu tem diversos recursos para atender essa parte do público.

O que a Entrevistada 1 acredita que possa ser feito para melhorar o acesso e a vontade das pessoas em visitar o museu é que deve haver comprometimento do poder público, com escolas públicas, de realizar políticas de incentivo ao professor, como era preconizado pelo projeto, “Cultura é currículo”⁸, de 2013, que destinava materiais voltados a diferentes faixas etárias com sugestões de locais culturais para as crianças em idade escolar, resultando em alunos que, pelo menos uma vez ao ano, deveriam ter a oportunidade de visitar uma dessas instituições. Só isso já seria de grande incentivo para a visão de um museu como lugar de aprendizado, e as crianças passariam isso aos seus familiares e seriam um reflexo maior para a sociedade.

⁸ O Projeto “Cultura é currículo” foi criado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo – SEDUC-SP, em parceria com a Fundação para o desenvolvimento da Educação-FDE, em 2013, com o objetivo de “desenvolver e implantar uma nova relação do currículo escolar com diferentes manifestações culturais do Estado, oferecendo oportunidades para que alunos e professores usufruam de equipamentos e de diferentes linguagens culturais”. Fonte: <https://educavideosp.wordpress.com/cultura-e-curriculo/>. Consulta em junho/2025).

Além de ressaltar a importância da criação do hábito cultural para as crianças, a Entrevistada 1 sugere que a universidade deveria investir, a partir de seus recursos, também em políticas ativas para atrair pessoas menos favorecidas a estes museus, incluindo também a questão de aumento de bolsas e programas formativos para seus estudantes alunos oriundos de escola pública em museus. Gerando assim a possibilidade de que alunos tenham acesso a uma formação diferenciada, com dinâmicas culturais inseridas na sua realidade ao longo de sua graduação, apresentando ainda novos caminhos para suas formações.

A respeito do local onde o museu está instalado, a Entrevistada 1 afirma que considera o acesso difícil para aqueles que o visitam a partir de transporte público, por conta da distância do museu ao metrô, que muitas vezes resulta na necessidade de mais um ônibus após a estação Ipiranga para chegar ao destino desejado, o que resulta também em mais uma tarifa.

b) Museu de Zoologia

Ao entrar em contato com o Museu de Zoologia, fui informada de que este não possui pesquisas de público já realizadas. Há no Museu uma ideia a respeito de seus visitantes por conta de seus cadernos de registro de visitantes⁹, que me foram apresentados e disponibilizados para pesquisa, mas, por conta do tempo hábil da realização desta, não pude analisá-los a fundo. A respeito deste museu, portanto, temos apenas as informações contidas no Anuário da USP, e as respostas que consegui por meio da entrevista, realizada via email (a partir do questionário a que nos referimos anteriormente), com sua educadora museal, que chamaremos de Entrevistada 2.

A respeito do tipo de público mais e menos recorrente, a Entrevistada 2 afirma que crianças da primeira etapa do ensino fundamental e famílias com crianças são os mais comuns e, quanto aos menos recorrentes, menciona os adolescentes. Em seguida, diz acreditar que os adolescentes possuem interesses muito diversificados e talvez o museu não esteja inserido em suas prioridades de visita. No entanto, no que tange à alguma mudança no perfil de público do museu, afirma que notou um grande aumento no público jovem em visitas espontâneas.

⁹ Aqueles cadernos que ficam dispostos na entrada/saída do museu para que seus visitantes o preencham com algumas informações como data da visita, sua escolaridade, sua idade, observações sobre a visita e sua assinatura.

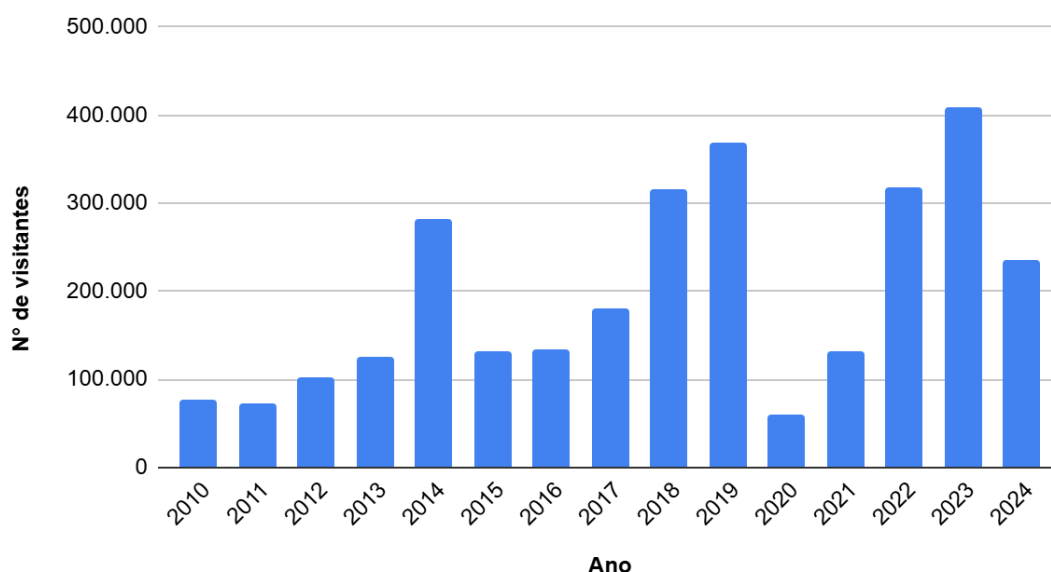
Para que as pessoas se sintam mais estimuladas a visitar o museu, a Entrevistada 2 sugere que as redes sociais do museu sejam mais ativas, e que seja feita uma divulgação focada no aumento do interesse em Biologia e animais, devido às discussões sobre perda da Biodiversidade. Quanto à sua opinião a respeito do local onde o museu está instalado, diferentemente da Entrevistada 1, do Museu do Ipiranga, ela afirma que ele é de fácil acesso, por estar em frente à rua e perto de transporte público.

c) Museu de Arte Contemporânea

O MAC, conforme contato feito por email, informou que não possui pesquisas qualitativas ou de perfil de público, possuindo apenas dados quantitativos de visitação, os quais nos foram enviados em formato de gráfico (representado na figura 3), também via email. Os dados apresentados no gráfico demonstram a quantidade total de visitantes anualmente, de 2010 a 2024 e, a partir dele é possível notar que, desde 2018, o museu possui uma média anual de mais de 300 mil visitantes (número que só caiu entre 2020 e 2021 devido à pandemia de Covid-19, em que houve períodos em que o museu esteve fechado para o público). Além disso, a partir de 2012 nota-se um aumento no número de visitantes (por volta de 70 mil nos anos de 2010 e 2011, para mais de 100 mil de 2012 em diante), o que se explica, em grande medida, pela mudança da sede do Museu, da Cidade Universitária para o edifício do Palácio da Agricultura no Ibirapuera (sua sede atual).

Gráfico 1: Gráfico de visitação anual no MAC USP

Visitação anual 2010 a 2024



Fonte: Administração MAC - USP. Elaborado pela autora.

Ainda sobre o MAC, também foi realizada uma entrevista, na forma do mesmo questionário aplicado via email, com a Coordenadora do Educativo do Museu, Entrevistada 3. A respeito do público mais recorrente do Museu, sua resposta foi a de que considera um público majoritariamente adulto e se absteve quanto ao menos recorrente. Sobre os fatores que interferem para que visitem ou deixem de visitar o museu, a Entrevistada 3 afirma que, para visitar qualquer local é necessário que haja o desejo das pessoas irem a ele, e que essa é uma ação que varia de acordo com valores sociais e culturais.

Quanto a ter notado, ao longo dos anos, uma mudança no perfil de público do museu a Entrevistada 3 respondeu que não, e que, para que todos os públicos tenham mais acesso e vontade de visitar o Museu, considera que a Arte precisa ser uma disciplina com mais carga horária nas escolas de educação básica, além de ser necessário um maior investimento na formação continuada de professores.

Por fim, a respeito do que acha do local onde o museu está localizado, ela diz que, “embora o acesso não seja difícil, há estações de metrô próximas, o custo de uma família para se deslocar ao museu pode ser caro. A região onde o MAC USP se localiza é cara para lanches e refeições, além de que o tempo pode ser grande, diante da realidade da maioria da população, principalmente da que mora em bairros periféricos e possuem baixa renda”. Acrescenta ainda, a título de observação que “a

rede de educação pública precisa disponibilizar transporte gratuito para saídas pedagógicas como ida a museus”.

d) Museu de Arqueologia e Etnologia

Por último, a respeito do MAE, o museu possui planilhas anuais (de 2022 a 2024) que contabilizam o público alcançado a partir de seus diferentes programas, no entanto, os visitantes espontâneos não fazem parte desses números. Ainda assim, os números totais de públicos atingidos, anualmente, com os programas de mediação, de formação, de recursos pedagógicos, acessibilidade e de ações extramuros ficaram em torno de 13 a 18 mil visitantes, número bastante inferior se comparado a qualquer um dos outros museus participantes deste estudo.

Quanto à entrevista com um funcionário, Entrevistado 4, pude realizá-la, via Google Meet, baseada no mesmo questionário previamente estabelecido, com o educador e coordenador do educativo do Museu. A respeito do público mais recorrente do museu, o Entrevistado 4 diz acreditar que, pela localização do Museu, inserido na Cidade Universitária, a maior parte do público é o público escolar, que vem ao museu mediante agendamento de visitas em grupo, geralmente alunos do Fundamental 2 e Ensino Médio, com os professores da matéria de humanidades (História e geografia), quanto ao tipo de escola, pública ou privada, o acesso é bastante variado, os dois tipos estão presentes nestas visitas. Já o público espontâneo que considera mais recorrente, se trata de um público bastante especializado, que possuem contato prévio com a Arqueologia, pesquisadores, pessoas de outras regiões do país ou até mesmo de outros países que vêm ao museu por conta de seu acervo arqueológico e etnográfico, sendo portanto, um público bem escolarizado, graduados e até mesmo pós graduados. Em se tratando do público espontâneo, ele acredita que não chegam ao museu muitas famílias e pessoas menos escolarizadas. A própria comunidade São Remo, localizada muito próxima ao Museu, não frequenta o museu, principalmente seu público adulto. Uma outra informação que acrescenta é que os próprios estudantes da universidade não visitam o museu com grande frequência, supostamente por não disporem de tempo para ir aos museus da própria universidade em função das demandas do cotidiano acadêmico, mesmo com sua localização bem próxima dos prédios das graduações.

A respeito de fatores que interferiram na visitação do Museu, o Entrevistado 4 responde que a localização e política da Universidade, na gestão de seu próprio campus, deixa a desejar. Por exemplo, aos finais de semana a Universidade possui o acesso controlado, o que afasta mais as pessoas desses locais abertos ao público, mais arborizados, etc. Isso ainda reflete no imaginário social que acredita que o público externo não pode frequentar a USP. Somado a isso, existe a questão física e estrutural, visto que o Museu está instalado em um prédio que não é adequado, que não foi construído para ser um museu, apenas adaptado para receber este acervo por um tempo enquanto o projeto da Praça dos Museus saísse do papel, no entanto, este projeto e essa sede adequada permanecem apenas como projetos.

Quanto a mudanças no perfil de público do museu ao longo dos anos, afirma que, quando havia uma exposição de longa duração (que fechou em 2010) a procura pelo público espontâneo era muito maior, por se tratar de uma exposição maior, com uma abrangência de diversos assuntos como Egito, Grécia e Roma e a própria Amazônia, etc, o que estimulava a visita de público espontâneo inclusive aos finais de semana (nesta época o MAE ainda abria aos sábados e domingos). Após o fechamento desta exposição, por conta do projeto de mudança do Museu para a Praça dos Museus, o MAE deixou de investir esforços em sua sede atual e, com o tempo e com os entraves ao projeto para sua nova sede, passou a se dedicar a exposições menores e temporárias. Além disso, ao longo dos anos o museu parou de ser aberto ao público aos domingos e teve seu público reduzido por conta disso também.

Sobre o que possa ser feito para que tenham mais acesso e vontade de visitar o museu, o Entrevistado 4 acredita que ter uma sede e uma estrutura que corresponda ao porte da coleção - bem como a estrutura predial e de circulação do MAC -, poderia fazer com que o alcance de público seja maior, além de considerar importante a ampliação de equipe, mais funcionários para o Museu de forma geral, com uma equipe mais experiente e que possa lidar com outras frentes, por exemplo o público PCD, que não é frequente no museu por conta das barreiras de espaço e estrutura que ele apresenta.

A respeito do local em que o museu está instalado, afirma que o MAE não está em um local privilegiado, não está próximo de nenhuma portaria da USP e também não tem uma arquitetura convidativa para o público, não aparentando ser um Museu para quem olha de fora. O fato de estar dentro da Cidade Universitária,

com seu acesso restrito aos finais de semana e com a recente mudança dos ônibus circulares da USP, que reduziram os caminhos que passavam pelo MAE, também interfere na visita ao museu.

Buscando facilitar a visualização das respostas adquiridas a partir dos contatos com os museus e dos resultados das entrevistas expostas acima, realizamos um quadro síntese, apresentado a seguir:

Quadro 1: Respostas dos funcionários às questões principais da entrevista

	Museu do Ipiranga	Museu de Zoologia	MAC	MAE
Público mais recorrente	Classes mais altas (A e B)	Crianças em idade escolar e famílias com crianças	Adultos	Público escolar em visitas agendadas e adultos bem escolarizados, nas visitas espontâneas
Público menos recorrente	Classes sociais mais baixas	Adolescentes	--	Famílias e pessoas menos escolarizadas
Fatores que interferiram na visitação	Formação educacional e cultural; barreiras econômicas e o deslocamento	O Museu não faz parte dos interesses prioritários dos adolescentes	O desejo da visita está relacionado ao processo anterior de acesso a instituições culturais via escola ou família	Localização do Museu e política da Universidade
Mudança no público*	Aumento da busca, pós-reforma, por pessoas com necessidade de acessibilidade	Aumento do público jovem em visitas espontâneas	--	Público espontâneo foi reduzido pela redução da exposição e pelo Museu deixar de abrir aos domingos
Sugestões de melhorias	Políticas de incentivo cultural pelo poder público e maior investimento da Universidade	Redes sociais mais ativas e maior divulgação de conteúdos de Biologia	Aumento da carga horária da disciplina de Artes na educação básica e maior investimento na formação de professores	Sede e estrutura do Museu adequada para seu acervo, ampliação da equipe e mais recursos de acessibilidade para a população de PCD.
Acesso ao Museu	Acesso difícil para quem precisa do transporte público	Fácil acesso por estar de frente à rua e próximo do transporte público	Acesso não é difícil mas o custo do passeio ao Museu como um todo pode ser caro por conta da região onde está inserido	Não está em um local privilegiado, distante das portarias da Universidade, sem uma arquitetura convidativa e com poucas opções de acesso por transporte público

Organizado pela autora (2025).

*O dado a respeito da mudança de público se refere ao período em que o funcionário trabalha no Museu.

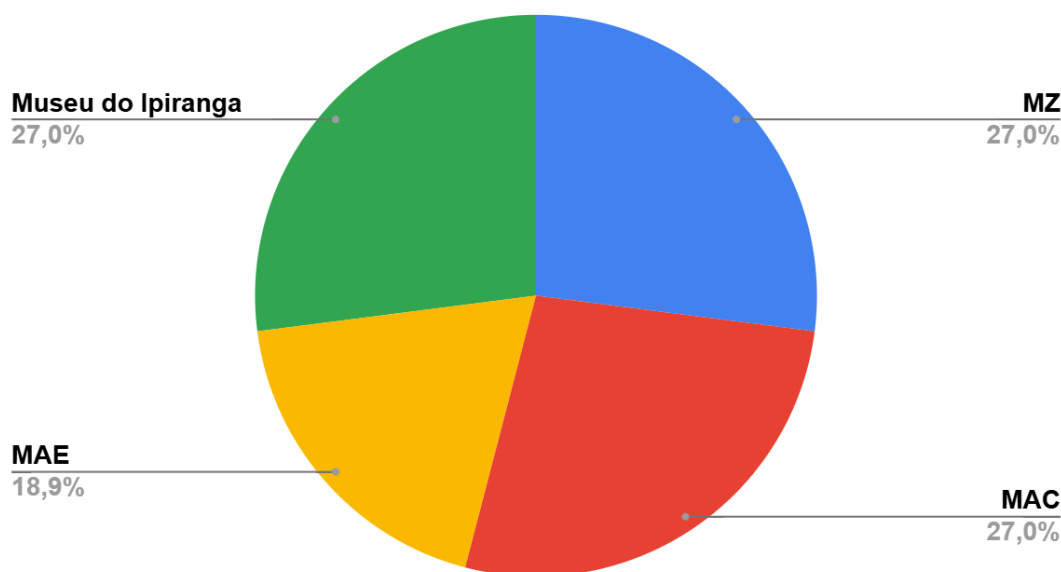
Perfil do público entrevistado

Por fim, conforme exposto na Introdução deste trabalho, na intenção de produzir e possuir meus próprios dados a respeito do perfil de público dos museus, optei pela realização de entrevistas com os visitantes de cada um deles (ainda que com uma amostra bem menor do que as dos estudos previamente discutidos, sendo ela de 10 visitantes em cada museu). Ainda que a amostra tenha sido bastante reduzida, os resultados se mantêm similares. As entrevistas foram realizadas presencialmente, aos sábados, entre março e abril de 2025, quando aplicamos um questionário a cada um dos entrevistados através do Google Forms. Apresento aqui os resultados das perguntas a respeito do perfil socioeconômico do questionário, a partir dos gráficos elaborados a partir deles.

Embora a amostra esperada fosse de 10 entrevistados por museu (40 respondentes ao todo), no MAE essa meta não foi alcançada, ainda que eu tenha passado o sábado inteiro no Museu e colhido entrevistas de todos aqueles que o visitaram naquele dia, o total foi de apenas 7 grupos e/ou visitantes em todo o dia, portanto, ao total, trabalharei com 37 respostas.

Gráfico 2: Distribuição do público entrevistado

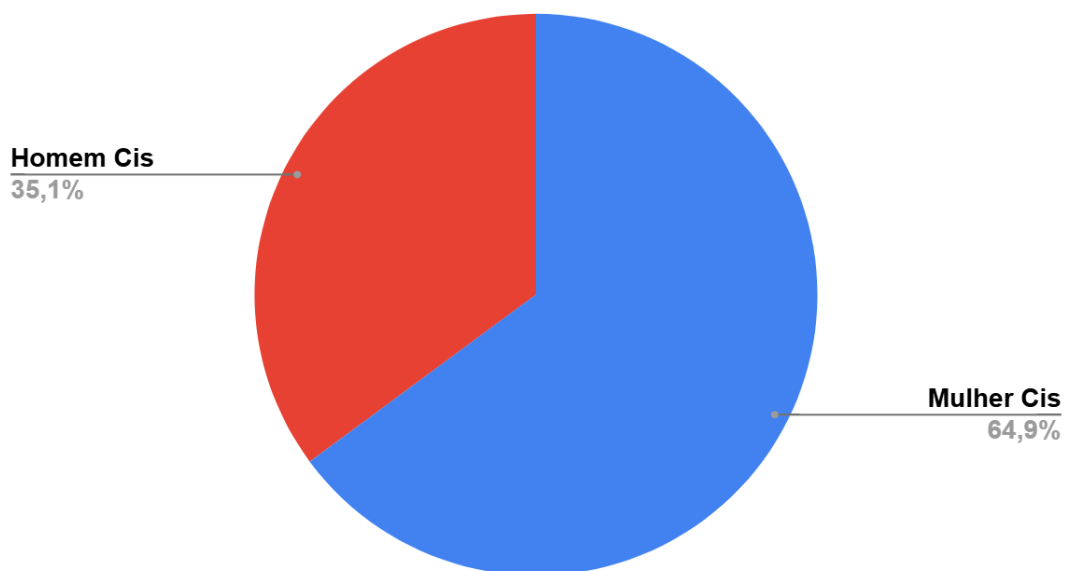
Museu visitado



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 3: Gênero dos entrevistados

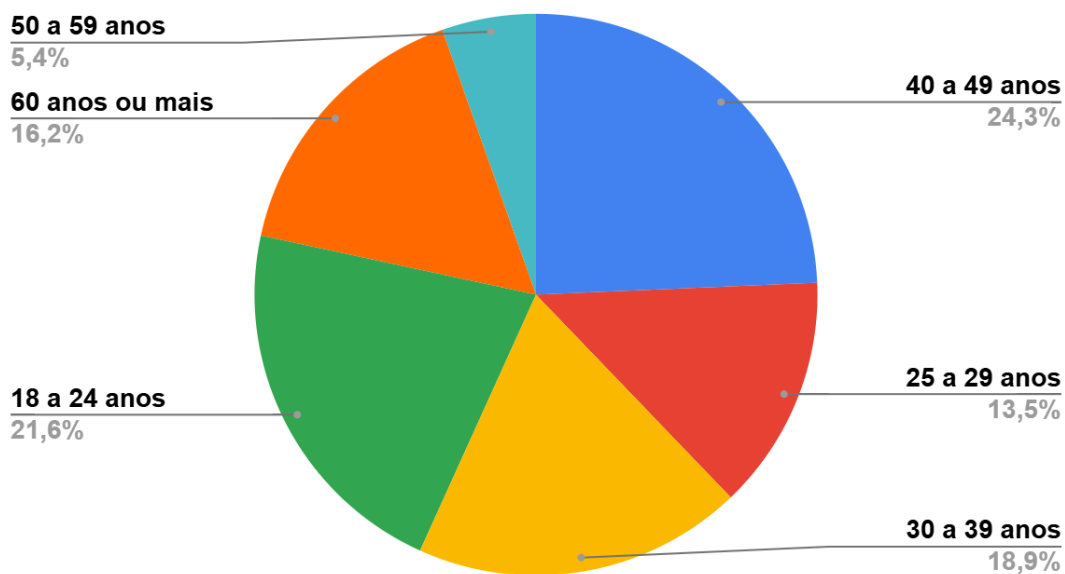
Gênero



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 4: Idade dos entrevistados

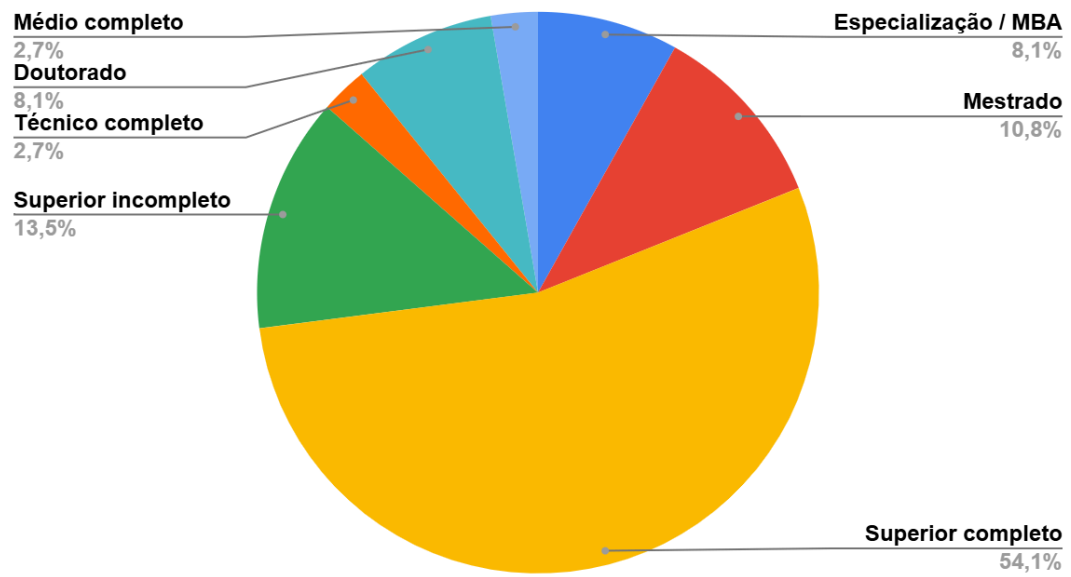
Idade



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 5: Grau de escolaridade dos entrevistados

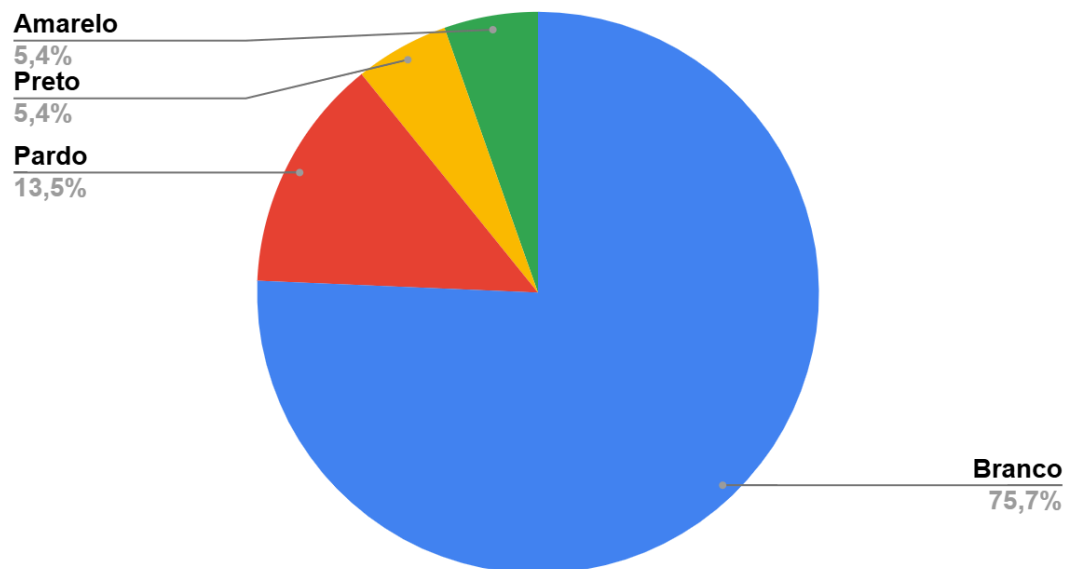
Escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 6: Cor/Raça dos entrevistados

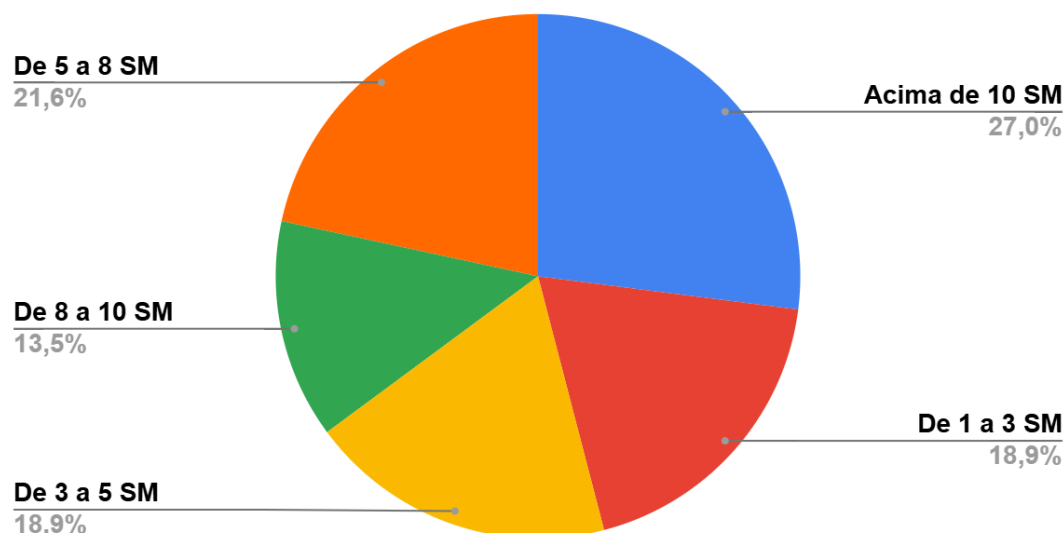
Cor/Raça



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 7: Renda familiar mensal dos entrevistados

Renda familiar mensal em salários mínimos (R\$1518,00 o SM atual)



Fonte: Elaborado pela autora.

A respeito do demonstrado pelos gráficos, nota-se que o perfil de público não se alterou em nenhuma das pesquisas realizadas por mim ou pelos outros autores, se mantendo sempre dentro do esperado de que o público mais comum nos museus é aquele majoritariamente branco, altamente escolarizado, com uma boa renda, com idade superior a 20 anos. No entanto, a respeito do público majoritariamente feminino é importante fazer uma ressalva, ou seja, ainda que homens visitem os museus, as mulheres são as que, mais comumente, se dispõem a responder às pesquisas, mesmo aquelas que estão acompanhadas por seus cônjuges, familiares e/ou amigos.

Sobre as outras perguntas do questionário aplicado, a respeito da visita e do que acham sobre a localização dos museus, elas serão analisadas individualmente, de acordo com cada um dos museus, no capítulo seguinte.

Cap. 3 - A visitação aos museus da USP segundo os entrevistados

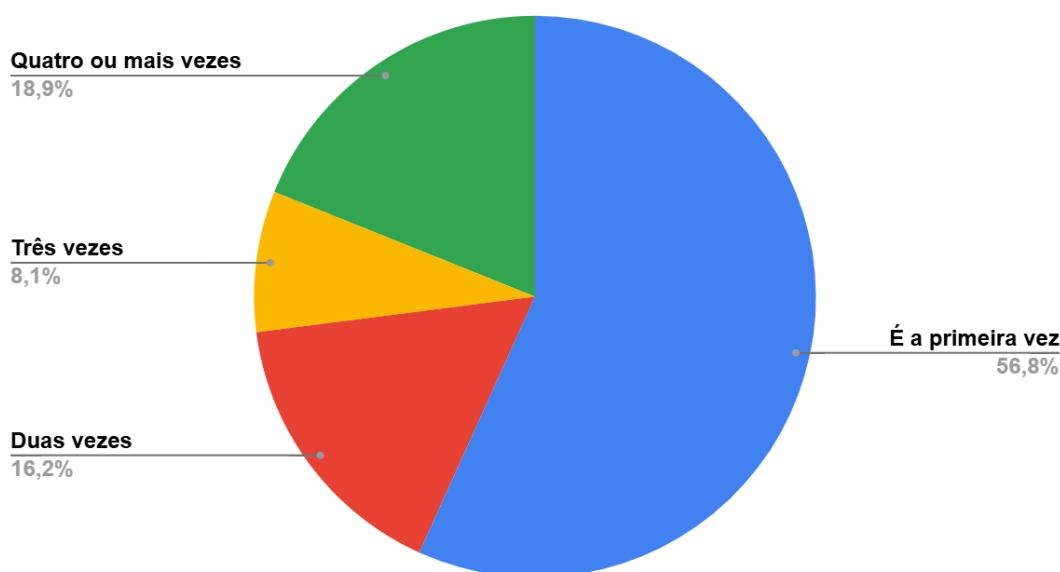
Os resultados apresentados neste capítulo dizem respeito ao universo dos entrevistados nesta pesquisa, 37 indivíduos, conforme antes descrito.

A partir das histórias, das localizações e dos dados dos museus levantados, podemos nos perguntar: quais públicos estes museus estão alcançando?

Conforme demonstrado, o perfil de público é bastante uniforme, mesmo com a execução de programas e atividades realizadas pelos museus para atrair uma maior diversidade entre os visitantes, o que aparenta é, ainda assim, apenas uma repetição do perfil de público. Além disso, o público visitante dos museus demonstra possuir uma boa relação com espaços e instituições culturais, como demonstrado pelas respostas às questões feitas aos entrevistados.

Gráfico 8: Quantidade de vezes que o entrevistado já visitou o museu

Quantidade de vezes que já visitou o Museu

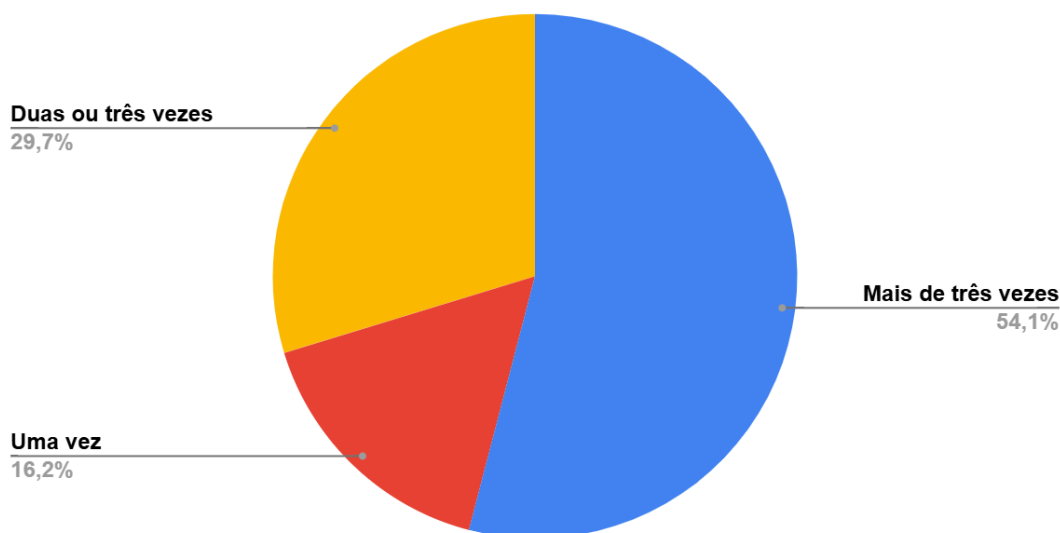


Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda que a maior parte dos entrevistados, independente do museu visitado, tenha respondido que era a primeira visita àquele museu, as respostas à questão seguinte, representada pelo Gráfico 9, demonstra a frequência com que visitaram museus e centros culturais no último ano. Nesta questão, os entrevistados revelam ter como prática a visita a esses locais, considerando que a maior parte deles o fez mais de 3 vezes neste período.

Gráfico 9: Frequência de visitas a museus ou centros culturais no último ano (março/2024 a março/2025)

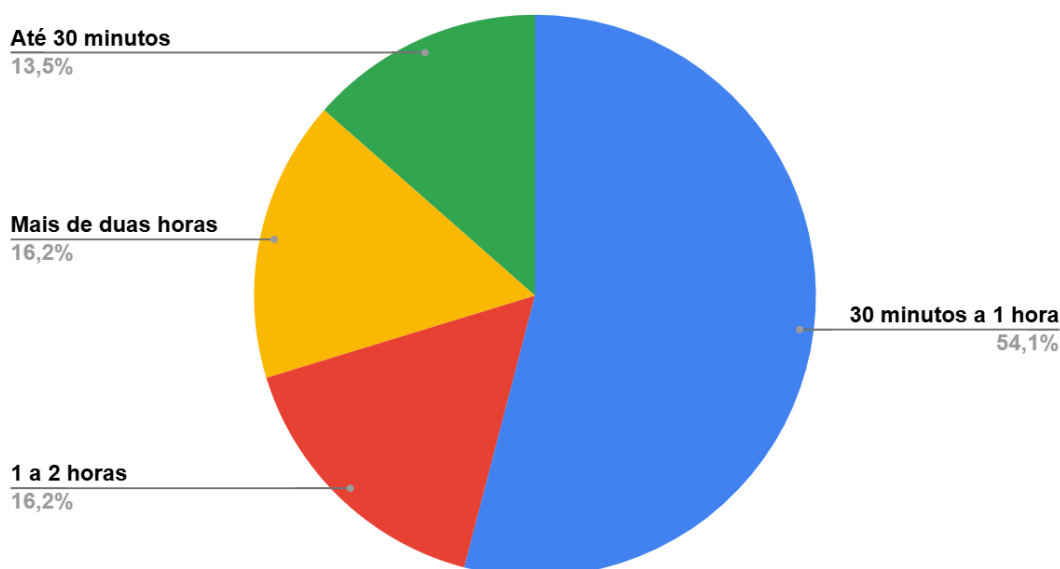
Frequência de visitas a museus ou centros culturais no último ano



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 10: Tempo aproximado de duração da visita

Tempo de duração da visita



Fonte: Elaborado pela autora.

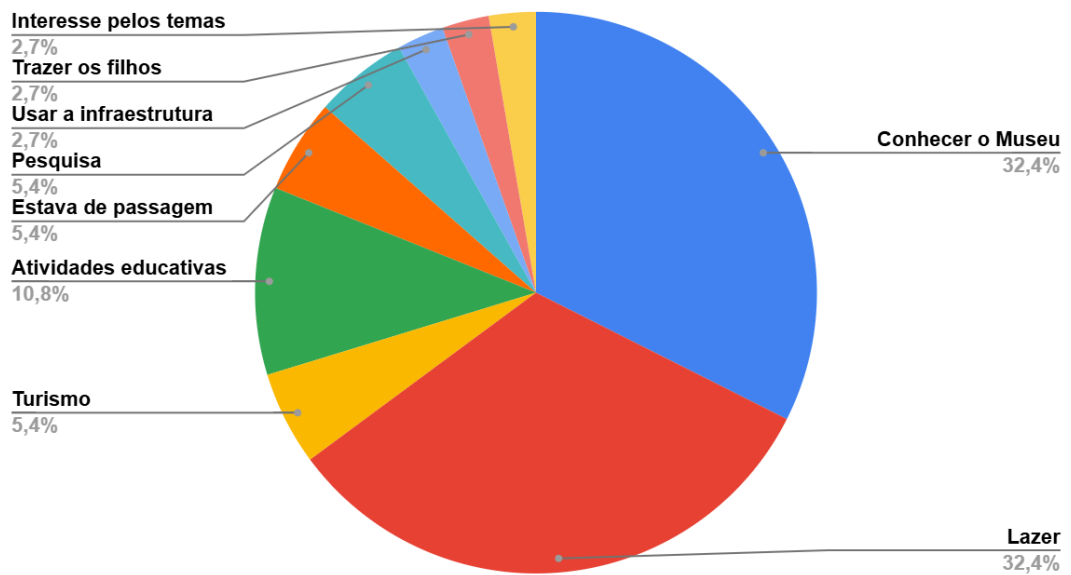
O tempo das visitas, como pode ser notado, varia bastante - ainda que a maioria não seja tão longa, durando entre 30 minutos a uma hora. Essa variação pode ser compreendida a partir do debate feito por Almeida (2012), que apresenta dados obtidos por outros pesquisadores e que se alinham com a ideia de que “a

exposição é um discurso, diferente para cada visitante, que constrói sua própria exposição a partir de suas escolhas de percurso” (Mortara, 2012, p.16). Com seu estudo, Almeida conclui que as principais variáveis podem ser analisadas pelos comportamentos de parada, que consideram o tempo total em cada sala dos museus, o número de paradas em obras, etc; por outros comportamentos como percurso e interações com servidores do museu; por variáveis demográficas, como idade e gênero; e por variáveis situacionais, como o número total de visitantes no museu, mês do ano, horário, etc.

Já o principal motivo da visita, como demonstra o Gráfico 11, é bastante variado. A maioria dos entrevistados relatam que a visita foi motivada por lazer, seguido da motivação de conhecer o museu (que pode ser explicada pelo Gráfico 8, em que a maioria dos entrevistados demonstrou ser a primeira vez visitando determinado museu). A respeito das respostas que relatam a motivação por pesquisa e atividades educativas, gostaríamos de esclarecer que surgiram no MAC, visto a situação ocorrida no dia das entrevistas, em que o Museu dispunha de um curso e a inauguração de uma exposição. O turismo, ainda que com 17 dos respondentes vindos de fora da Cidade de São Paulo, como demonstrado mais adiante, não foi uma resposta muito recorrente, sendo considerado principal motivação para apenas 2 entrevistados. No caso da motivação de usar a infraestrutura do museu, essa resposta foi dada por um visitante do MAC, que foi ao Museu apenas para visitar a loja da Livraria EDUSP localizada no interior do museu. Trazer os filhos e interesse pelo tema exposto seguem com as menores porcentagens de resposta, sendo consideradas por apenas uma pessoa, respectivamente.

Gráfico 11: Principal motivo da visita

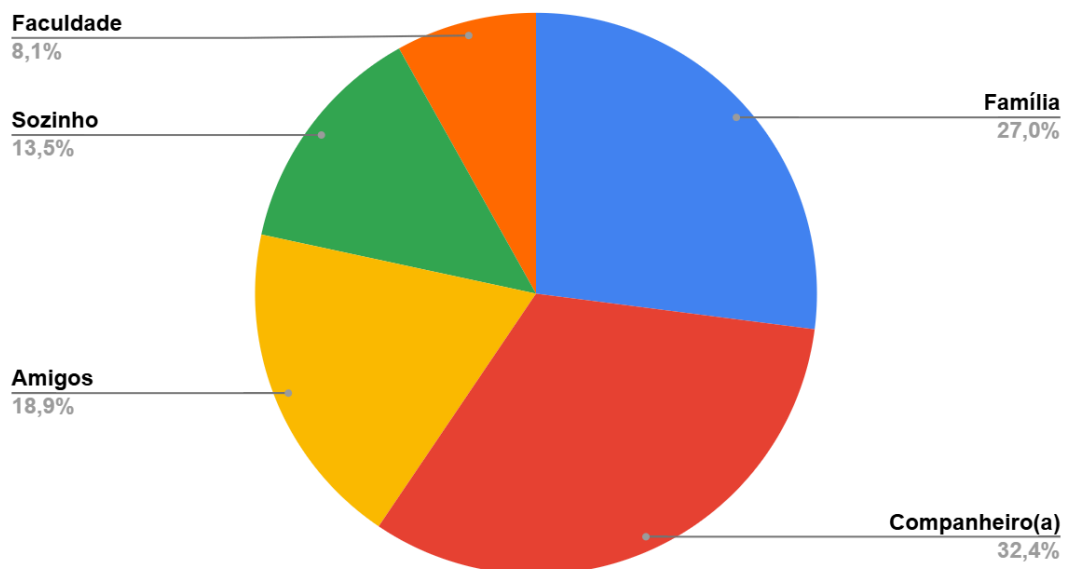
Principal motivo da sua visita



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 12: Companhia dos entrevistados na visita ao museu

Acompanhantes durante a visita



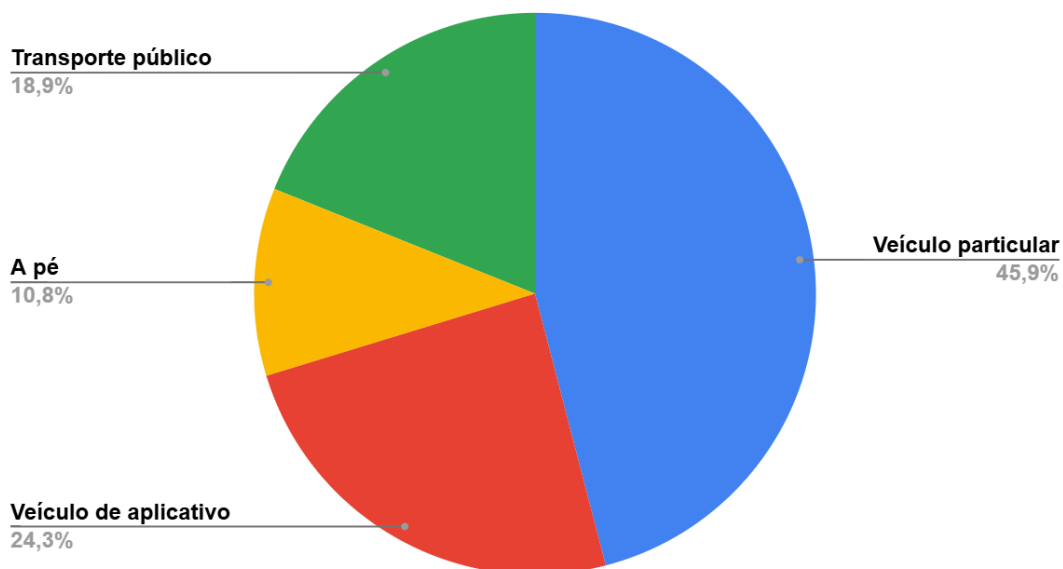
Fonte: Elaborado pela autora.

A respeito da companhia dos entrevistados durante suas visitas ao museu, vemos que família e companheiro(a) são os mais recorrentes (59,4% no total), o que reforça a tese de que a prática cultural de visitar museus é, em grande medida, passada e incentivada pelo círculo familiar quando este já está inserido nesse contexto.

As outras perguntas da entrevista com os visitantes possibilitam refletir um pouco mais a respeito do acesso e da localização dos museus.

Gráfico 13: Meio de transporte utilizado pelos entrevistados para chegar até o Museu

Meio de transporte utilizado até o Museu

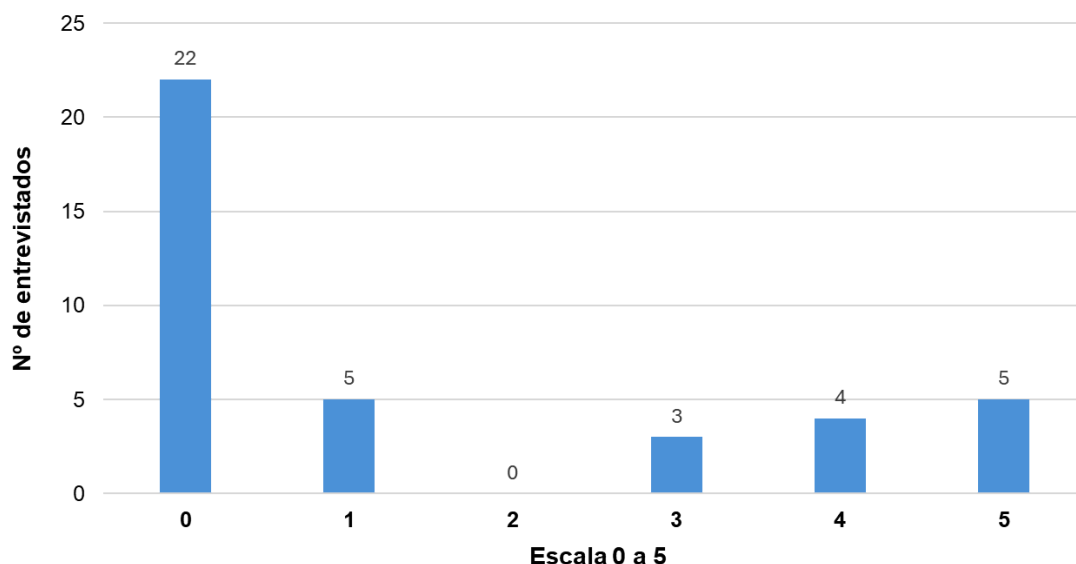


Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nas respostas dos entrevistados, a maioria deles possui carro particular, utilizado para chegar até o museu no dia da visita. Acerca do que pensam sobre o percurso realizado, em uma escala de 0 a 5, sendo 0 muito fácil e 5 muito difícil, as respostas foram as seguintes:

Gráfico 14: Gráfico de escala sobre o percurso realizado pelos visitantes

Percurso realizado, em uma escala de 0 (muito fácil) a 5 (muito difícil)



Fonte: Elaborado pela autora.

Pela maioria dos entrevistados, os percursos realizados para todos os museus foram considerados bastante fáceis, o que pode ser justificado pelo trajeto ter sido realizado, em sua maioria, por veículo particular, que oferece mais conforto e permite a realização de um percurso mais rápido e agradável se comparado aos transportes públicos. Sobre a justificativa para a nota dada, dos 37 respondentes, 24 não quiseram justificar; algumas notas 0 (muito fácil) foram justificadas pela proximidade do museu à residência, alguns tendo ido andando ao museu, outros por possuírem carro próprio e pelo museu ter estacionamento gratuito (no caso do MAC). Já as notas 1 foram justificadas pelo trânsito enfrentado até a chegada, e a justificativa se repete para aqueles que foram de veículo particular e de aplicativo. Não houve notas 2 e, seguindo, as notas 3 se justificaram por trânsito, pelo difícil acesso por transporte público por ser longe do metrô, no caso do MZ e, em um caso do MAE, pela necessidade do uso do veículo de aplicativo, visto que os ônibus comuns não entram na Cidade Universitária aos finais de semana. Houve também três notas 4 justificadas, atribuídas por pessoas que foram ao museu por veículo de aplicativo e particular, que justificaram a nota por conta dos “lugares feios que passaram” e por terem se perdido durante o trajeto, respectivamente; a terceira justificativa foi dada pela explicação de que considera o museu de fácil acesso porque já conhece o percurso; por outro lado, não acha que seja fácil para quem não

o conhece, principalmente para pessoas de fora ou que vêm de transporte público. Já a nota 5 (muito difícil) foi justificada por apenas um entrevistado, a respeito do MAC, e é explicada pelo fato de não haver uma estação próxima ao museu, o que tornou necessária a utilização do serviço de veículo de aplicativo após a estação, caso contrário, teria que andar uma distância considerável da estação até o museu.

Em seguida, os entrevistados foram questionados a respeito de onde residem, para termos referência do trajeto que realizaram até os museus. Dos 37 respondentes, 8 eram do Estado de São Paulo, mas de outras cidades, sendo elas Campinas, Presidente Prudente, Araçatuba, Jundiaí, Itapeva da Serra, Ribeirão Preto e Bauru. Outros 9 respondentes vinham de outros estados do Brasil, sendo eles Santa Catarina, Goiás, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Paraná e Minas Gerais. Já os 20 restantes eram todos da Cidade de São Paulo, ainda que de diferentes distritos. Para melhor visualização, elaboramos o mapa a seguir:

USP
fflch
FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

DISTRITOS DE ORIGEM DOS ENTREVISTADOS

Entrevistados

- 1
- 2
- 4

Limites Administrativos

- Distrito
- Subprefeitura
- Outros Municípios

0 5 10 km

Projeção: UTM/23S, Datum Horizontal (SIRGAS 2000)
Fontes: Geosampa (2025) e IBGE (2022).

A partir do mapa, fica evidente que os visitantes e participantes das entrevistas, ainda que de diferentes distritos, tinham residência, no dia da entrevista, em sua maioria, nos distritos mais centrais da cidade, bem como aqueles mais nobres e pertencentes ao Centro Expandido onde também estão localizados os museus, como demonstrado pelos mapas 1 a 4, no capítulo 1. Além disso, uma explicação a ser considerada a respeito desse resultado, pode se dar a partir das linhas de metrô e terminais de ônibus da cidade que, mais uma vez, também estão

concentradas nesses mesmos locais, como demonstrado pelo Mapa 5, no capítulo 1.

Não é novidade que a produção do espaço se dá a partir das interações humanas, carregadas de segregação e comandadas pela lógica capitalista, onde aqueles com menores condições são colocados à margem de diferentes centralidades, como no caso do acesso a equipamentos/infraestruturas/serviços sociais e culturais. Portanto, como dito por Domingues e Santos Junior (2019):

Se a vida e a reprodução social na cidade depende do acesso à habitação, saneamento, mobilidade, saúde, educação, cultura, lazer, trabalho, meio ambiente etc., o direito à cidade significa o direito de todos e de todas aos bens e serviços relacionados à vida urbana e necessários ao bem-estar coletivo, conforme os valores e as categorias de representação da sociedade. (Direitos culturais e direito à cidade, 2019, p.41)

Sendo assim, a dificuldade de acesso aos museus por parte da população mais pobre e marginalizada da cidade - seja ela pela dificuldade de transporte, falta de incentivo à cultura, ausência de tempo livre do trabalho e falta de recursos financeiros, por exemplo -, nada mais é do que a negação do direito à cidade para toda uma classe social, visto que os museus fazem parte desses bens vinculados e necessários ao bem estar coletivo.

O artigo de Damasceno (2018), aborda a relação entre a localização geográfica dos museus e suas visitas, onde ele analisa os obstáculos à visita dos museus brasileiros por parte da população pobre e trabalhadora a partir das assimetrias entre as localizações dos museus e a produção e apropriação espacial nas grandes cidades. Para o autor:

A localização dos museus também não é algo natural. Sendo assim, a compreensão da disposição dos museus e espaços museológicos nas cidades é condição basilar para os estudos de público. (Damasceno, 2018, p.154)

E o autor (op cit) segue analisando, apresentando dados do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), na pesquisa Sistema de Indicadores de Percepção Social - Cultura (SIPS), a respeito da localização dos equipamentos culturais:

Observa-se que a percepção acerca da localização dos equipamentos culturais apresenta os maiores percentuais negativos: 51% dos entrevistados entende que os equipamentos culturais estão mal localizados. Esses percentuais são ligeiramente maiores quando consideramos as regiões do país: no Sul, 55,3% dos entrevistados consideramos que os equipamentos culturais são mal localizados, 53,8% no Sudeste, 44,5% no Centro-Oeste, 51,2% no Nordeste e 43,4% no Norte.
[...]

Isto é, aproximadamente metade dos entrevistados consideram que estão mal situados em relação à localização dos equipamentos culturais. (Damasceno, apud IPEA 2010, 2018, p.155)

Se comparamos esses dados trazidos por Damasceno com as respostas que temos dos visitantes a respeito do que acham do percurso até os museus, notamos uma diferença de opinião, visto que a maioria deles responderam considerar o acesso e percurso fáceis. Isso pode ser explicado pelo fato de que as entrevistas realizadas nesta pesquisa foram feitas na entrada de cada um dos museus e, portanto, por visitantes, ou seja, um público que, de alguma forma, já estava fazendo esse movimento em direção a esse tipo de equipamento cultural. Diferentemente desse contexto, a entrevista realizada pelo IPEA, foi feita com diferentes pessoas, e de forma aleatória. A respeito desse percurso entre a residência e o museu, Damasceno diz que:

[...] para 66,2% dos entrevistados, a distância entre os equipamentos culturais e a sua moradia constitui-se em um obstáculo à oferta cultural. É importante destacar, também, que 55,9% dos entrevistados concordam que o público frequentador dos equipamentos culturais é elitista e que isso se constitui em um obstáculo. (Damasceno, apud IPEA 2010, 2018, p.159)

Indo diretamente ao que gostaríamos de apresentar ao longo deste trabalho, o autor acrescenta ainda:

[...] a discussão sobre o acesso aos equipamentos sociais - e neste caso específico aos museus - revela uma *geopolítica da cultura*, onde a localização geográfica dos museus e as moradias dos trabalhadores e da população pobre obedecem à lógica capitalista da produção e apropriação social do espaço.

[...]

A segregação espacial produz graves consequências no que se refere ao acesso aos espaços de cultura.

[...]

Os dados apresentados demonstram que a organização das cidades brasileiras e a localização dos equipamentos culturais e de lazer não possibilitam a fruição cultural e limitam o direito à cidade às amplas camadas sociais. (Damasceno, 2018, p.160-162)

Para além da localização propriamente dita, temos ainda a questão da falta de recursos financeiros e a falta de tempo livre do trabalho para a população mais pobre, que muitas vezes não consegue realizar a visita em dias úteis, e nem pode arcar com os custos dos ingressos, no caso do Museu do Ipiranga, somados à condução, necessária em todos os casos daqueles que não possuem veículo particular. Sobre isso, Damasceno conclui que:

Assim, a liberdade dos trabalhadores de usufruir da produção social posta pelos equipamentos culturais está subsumida, em última análise, a estas pedras angulares do capitalismo: a exploração de sua força de trabalho e o desenvolvimento desigual das cidades. (Damasceno, 2018, p.175)

Ao refletirmos sobre os museus estatutários da USP, o museu com mais visibilidade da Universidade e talvez até da Cidade de São Paulo - Museu do Ipiranga - por possuir ingresso pago, pode desencorajar ainda mais a população pobre quanto a visitar outros museus, visto que, num primeiro contato, podem acreditar que são pagos também.

Por fim, há ainda o estudo de Lourenço et al. (2016), que analisa o acesso aos museus da Universidade de São Paulo e corrobora grandemente com os achados dessa pesquisa - ainda que não trabalhe com os mesmos museus -, visto que ao longo do artigo, são apresentadas as barreiras de acesso aos museus da universidade, sendo elas as atividades de divulgação, que atingem um público muito restrito; recursos financeiros insuficientes e sua utilização bastante burocrática, ainda que os museus e a própria Universidade sejam parte de um órgão do Estado; os horários e dias de funcionamento, que variam entre cada um deles; e, por fim, as localizações dos museus, principal assunto debatido nesta pesquisa, que não são satisfatoriamente atendidas por meios de transporte público. Sobre isso, dizem os autores que:

É comum que acessibilidade seja compreendida apenas como eliminação de barreiras físicas e gratuidade da entrada e transporte, entretanto o conceito de acessibilidade cultural é pautado na garantia do acesso universal para todos os públicos aos museus e espaços culturais. Nesse sentido, se a Universidade não investe no acesso universal livre de barreiras físicas, de comunicação, informação, atitude e fruição aos seus museus está colocando em risco a preservação de seu patrimônio cultural e científico que depende do público para ter sentido e continuar vivo. (Lourenço et al., 2016, p.109)

Ainda que seja um trabalho de 2016, cerca de 10 anos atrás, o que temos são resultados bastante atuais, de uma série de barreiras de acesso que são perpetuadas até hoje. Uma importante questão, inserida na conclusão do artigo supracitado diz que “uma das questões centrais após realizar essa pesquisa foi a percepção de que não existe uma política de acesso dos museus da USP. Existem iniciativas pontuais, mas não há elementos integradores, que definam uma política unificadora” (Lourenço et al., 2016, p.110). Esse trecho, ao ser analisado a esta altura de nosso trabalho, após todos os dados apresentados, pode ser considerado bastante atual, visto que, o que temos, é ainda a ausência dessa política de acesso aos museus que os unifique, como demonstrado pela variação de dados e estudos de público, suas diferenças de horário e seus valores de ingresso. E ainda que os museus façam seus projetos e elaborem seus programas, essas diferenças, em

grande parte, resultam em uma barreira de acesso para a população em geral, de forma que não consegue abranger em seus públicos todas as diferentes classes sociais, pela ausência de projetos e políticas culturais unificadores de acessos.

Considerações finais

Conforme vimos ao longo do trabalho, fica evidente que os museus, ainda atualmente, não conseguem atingir toda a população, deixando de fora o público com menores condições financeiras e de residências mais distantes ao centro da cidade. Suas localizações são ainda bastante reveladoras quanto a essa dificuldade de acesso daqueles que não possuem veículo particular e dependem apenas do transporte público.

Como demonstrado pelos capítulos 2 e 3, há diversos trabalhos que reforçam a desigualdade de acesso aos museus, e, a partir desse percurso realizado neste TGI, pretendemos continuar a pesquisa, com novos olhares para a questão da acessibilidade para toda a comunidade, independente de sua classe social; com a possibilidade de conhecer melhor esses públicos e repensar as políticas de acesso para aqueles que ainda ficam à margem das instituições culturais.

A ausência de acesso equitativo aos museus não se restringe apenas à privação cultural individual; ela representa a negação do direito à cidade e uma reafirmação da segregação socioespacial. Quando as instituições culturais se tornam mais acessíveis, elas não apenas enriquecem o repertório individual, mas também promovem maior fruição cultural para todos aqueles que existem dentro da cidade. Repensar as políticas de acesso significa, portanto, investir na formação de cidadãos mais engajados e conscientes, garantindo que usufruem da produção social posta por estes equipamentos culturais. Acreditamos que a continuidade desta pesquisa possa não só iluminar os desafios, mas também auxiliar na constituição de uma sociedade mais justa e culturalmente ativa para todos.

Referências

ABREU, Adilson Avansi de. Quantos anos faz o Brasil?. EdUSP, 2000.

ALMEIDA, Adriana Mortara. A observação de visitantes em museus: sobre ratos e seres humanos. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 10, 2012. DOI: 10.26512/museologia.v1i2.12651. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/12651>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ALMEIDA, Adriana Mortara. Os públicos de museus universitários. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Brasil, n. 12, p. 205–217, 2002. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2002.109446. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revmae/article/view/109446>.. Acesso em: 03 jun. 2025.

ALMEIDA, Adriana Mortara. Os visitantes do Museu Paulista: um estudo comparativo com os visitantes da Pinacoteca do Estado e do Museu de Zoologia. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 269–306, 2004. DOI: 10.1590/S0101-47142004000100020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/5410>.. Acesso em: 03 jun. 2025.

BRANDÃO, Carlos Roberto Ferreira; COSTA, Cleide. Uma crônica da integração dos museus estatutários à USP . *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 207–217, 2007. DOI: 10.1590/S0101-47142007000100005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5458>.. Acesso em: 17 out. 2024.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. História nacional em São Paulo: o Museu Paulista em 1922 . *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 79–103, 2003. DOI: 10.1590/S0101-47142003000100006. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/5382>.. Acesso em: 06 nov. 2024.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Os reflexos dos 25 anos do Museu de Arqueologia e Etnologia nos 80 anos da USP. In: GOLDEMBERG, José (org.). *USP 80 anos*. São Paulo: Edusp, 2015. v. 1, p. 245-250.

CAMARGO, M. J. A trajetória dos Museus da Universidade de São Paulo. Em: GRANATO et al. (org) cadernos do Patrimônio da Ciência e Tecnologia: instituições, trajetórias e valores. Rio de Janeiro, 2017 (pp. 83-109).

CAMPOS, Ernesto de Souza. História da Universidade de São Paulo. São Paulo: EDUSP, 2004.

CHAGAS, Mário; BOGADO, Diana. A MUSEOLOGIA QUE NÃO SERVE PARA A VIDA, NÃO SERVE PARA NADA: O Museu das Remoções como potência criativa e potência de resistência. In: Memória das Olimpíadas: múltiplos olhares”. Editora da Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2016.

CULTURA É CURRÍCULO. Disponível em: <https://educavideosp.wordpress.com/cultura-e-curriculo/>. Acesso em: 18 jun. 2025,

CULTURA NAS CAPITALS. Pesquisa de hábitos culturais em 12 capitais brasileiras. Disponível em: <https://2017.culturanascapitais.com.br/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

DAMASCENO, Wagner Miquéias. O lugar dos museus e o direito à cidade: um estudo sobre espaço, tempo e trabalho. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, v. 55, n. 11, p. 151-178, 2018.

DOMINGUES, João; SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos. Direito à cidade e direito à cultura: notas sobre possíveis aproximações. In: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO. Direitos culturais e direito à cidade: caderno didático. Niterói: UFF, 2019. p. 35-42.

Fachada do MAC USP. Foto: Marcos Santos/USP Imagens. Disponível em: <https://imagens.usp.br/editorias/arquitetura-categorias/museu-de-arte-contemporanea-mac-4/attachment/reg-118-23-museu-de-arte-comtemporanea-mac-fachada-do-mac-u-8/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Fachada Museu de Zoologia. Foto: Marcos Santos/USP Imagens. Disponível em: https://imagens.usp.br/editorias/arquitetura-categorias/fachada-do-museu-de-zoologia-a-mz/attachment/fachada-museu-de-zoologia_foto-marcos-santos_mg_0509-4/. Acesso em: 20 jun. 2025.

FELICIO, Laura et al. Relatório - Pesquisa de Perfil de Público. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 2023. (mimeo)

GOLDEMBERG, José. USP80 anos. São Paulo: Edusp, 2015.

Inauguração do Novo Museu do Ipiranga. Foto: Marcos Santos/USP Imagens. Disponível em: <https://imagens.usp.br/editorias/arquitetura-categorias/novo-museu-do-ipiranga-i/attachment/reg-180-22-inauguracao-do-novo-museu-do-ipiranga-2022-09-06-3/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

KARPINSCKI, Silvana. O MAC USP e seus Primórdios. Biblioteca Walter Zanini; Livreto de apresentação do acervo de Walter Zanini, doado ao MAC USP; com registro fotográfico de Sandro Cajé; preparação de documentação de Alecsandra Matias de Oliveira e Sara Pedro Valbon; revisão de Edmea Neiva (Revisare); Tradução de Áurea Dal Bó Traduções; projeto gráfico e edição de arte de Elaine Maziero; editoração eletrônica de Roseli Guimarães; organização: Cristina Freire. São Paulo: MAC USP. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/cf1db9c2-3191-4500-8534-f1c5b37bba38/silvana_primordios.pdf. Acesso em: 06 nov. 2024. , 2018

LEIVA, João; MEIRELLES Ricardo. Cultura nas capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte. Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2018.

LOURENÇO, Maria Cecília Fraça et al. Bens imóveis tombados ou em processo de tombamento da USP. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado.. Acesso em: 30 out. 2024. , 2002.

LOURENÇO, M. F.; FARES, D. C.; RODRIGUES, J.; KISTLER, F. L. V.; SARRAF, V. P. Estudo exploratório sobre o acesso aos museus da Universidade de São Paulo. Museologia e Patrimônio, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 91–113, 2016. Disponível em: <https://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/395>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MAC USP. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, c2015. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/institucional/institucional.asp>. Acesso em: 06 nov. 2024.

MAE USP. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, c2021. Disponível em: <https://mae.usp.br/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MARTINS, Luciana Conrado et al. Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais. São Paulo: Percebe, 2013.

MEMÓRIA WEB. Dossiê de Pesquisa de Público. Serviço de atividades educativas 2002/2018. São Paulo: Memória Web, 2018. (mimeo)

MEMÓRIA WEB. Museu Paulista. Plano educativo - Produto 18: revisão final dos dossiês - inclusão dos itens de acessibilidade e materiais educativos/metodologias de avaliação. São Paulo: Memória Web, 2022. (mimeo)

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Museu e Universidade. Dédalo Revista de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n.8, p. 43-50, 1968.

MUSEU DO IPIRANGA USP. Museu do Ipiranga da Universidade de São Paulo, c2024. Disponível em: <https://museudoipiranga.org.br/visite/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MZ USP. Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, c2023. Disponível em: <https://mz.usp.br/pt/visitas/>. Acesso em 10 jun. 2025.

OBSERVATÓRIO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS. Pesquisa perfil-opinião. 2006-2007: análise descritiva preliminar dos dados agregados dos museus participantes da pesquisa em São Paulo. Observatório de Museus e Centros Culturais, 2008.

ORNSTEIN, Sheila Walbe. Museu Paulista: contribuições acadêmicas e políticas públicas. In: GOLDEMBERG, José (Org.). USP 80 anos. São Paulo: Edusp, 2015. p. 263-274.

Quantos anos faz o Brasil?.. São Paulo: Imprensa Oficial/Edusp.. Acesso em: 30 out. 2024.

REDE NOSSA SÃO PAULO (RNSP). Mapa da Desigualdade do Município de São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2025/02/Mapa-da-Desigualdade_2024.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2025.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa. Lei nº 7.843, de 11 de março de 1963. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/43388>. Acesso em: 05 nov. 2024.

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934. Cria a Universidade de São Paulo e dá outras providências. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 25 jan. 1934.

SÃO PAULO (Estado). Universidade de São Paulo. Resolução nº 3.461, de 7 de outubro de 1988. Aprova o Estatuto da Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-no-3461-de-7-deoutubro-de-1988>. Acesso em: 05 nov. 2024.

SARRAF, Viviane Panelli. A inclusão dos deficientes visuais nos museus. *Revistas Musas*, n. 2, p. 81-86, 2006.

SEGAWA, Hugo; Monteiro, Katia Canton; Magalhães, Ana Gonçalves; Aranha, Carmen Sylvia Guimarães; Costa, Helouise Lima; Freire, Maria Cristina Machado. O MAC-USP, seu Acervo e seu Papel Social. In: GOLDEMBERG, José (Org.). *USP 80 anos*. São Paulo: Edusp, 2015. p. 251-255.

SILVA, Maurício Cândido da e SILVA, Julia Zitelli. Perfil dos visitantes do museu de anatomia veterinária da FMVZ/USP: primeiros estudos. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 3, n. 6, p. 257-276, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/10331/10734>. Acesso em: 17 out. 2024.

TEIXEIRA COELHO, José. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

TOURINHO, Andréa de Oliveira; PIRES, Walter. Ipiranga: propriedade e construção de uma paisagem urbana. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São

Paulo, v. 32, p. 1–61, 2025. DOI: 10.11606/1982-02672024v32e7. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/199883..> Acesso em: 19 maio. 2025.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Anuário Estatístico da USP. 2024. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/anuario/AnuarioControle>. Acesso em: 05 nov. 2024.

VANZOLINI, P E. Museu de zoologia. Estudos Avançados, v. 22, p. 579-80, 1994. Acesso em: 03 nov. 2024.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. “Museu de Arqueologia e Etnologia da USP”. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2023. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/instituicoes/mae-usp>. Acesso em 05 nov. 2024.

Anexo 1 - Questionário Funcionários

Questionário base para entrevista com funcionários dos Museus estatutários da USP

- 1. Qual seu cargo no Museu?**
- 2. Você percebe algum tipo de público mais recorrente no Museu? Algum menos recorrente? (Por exemplo, mais mulheres, ou um público “mais jovem”, etc.)**
- 3. Você acredita que existam fatores que interfiram para que este tipo de público visite ou deixe de visitar o Museu? Quais seriam eles?**
- 4. Ao longo dos anos, você já percebeu alguma mudança no perfil do público que visita este Museu?**
- 5. O que você acredita que possa ser feito para que todos os públicos tenham mais acesso e vontade de visitar o Museu?**
- 6. O que você acha sobre o local onde o Museu está instalado? Acha que ele é de fácil acesso para o público em geral?**
- 7. Você gostaria de acrescentar alguma observação final? Fique à vontade para expressar as opiniões que achar relevante para esta pesquisa.**
- 8. Você gostaria de deixar seu email para que receba futuramente o trabalho resultado desta pesquisa e/ou outras informações pertinentes a este estudo?**

Anexo 2 - Questionário Visitantes

02/07/2025, 20:48

Questionário - Visitantes

Questionário - Visitantes

Este questionário se trata de uma etapa de análise do perfil de público para minha pesquisa, que tem como objetivo principal estudar e analisar, a partir de uma perspectiva qualitativa, a relação museu x visitante a partir do estudo de caso dos quatro museus estatutários da USP.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Qual museu você visitou hoje? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Museu do Ipiranga
- ☐ Museu de Zoologia
- ☐ Museu de Arte Contemporânea
- ☐ Museu de Arqueologia e Etnologia

2. Gênero *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Mulher Cis
- ☐ Mulher Trans
- ☐ Homem Cis
- ☐ Homem Trans
- ☐ Prefiro não responder
- ☐ Outro: _____

3. Idade **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ 18 a 24 anos
- ☐ 25 a 29 anos
- ☐ 30 a 39 anos
- ☐ 40 a 49 anos
- ☐ 50 a 59 anos
- ☐ 60 anos ou mais
- ☐ Prefiro não responder

4. Qual seu grau de escolaridade? **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Não alfabetizado
- ☐ Fundamental incompleto
- ☐ Fundamental completo
- ☐ Médio incompleto
- ☐ Médio completo
- ☐ Técnico incompleto
- ☐ Técnico completo
- ☐ Superior incompleto
- ☐ Superior completo
- ☐ Especialização / MBA
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado
- ☐ Prefiro não responder

5. **Cor/Raça ****Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Amarelo
- ☐ Branco
- ☐ Pardo
- ☐ Indígena
- ☐ Preto
- ☐ Prefiro não responder

6. **Qual sua renda familiar mensal em salários mínimos? (R\$1518,00 o SM atual) ****Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Menos de um salário mínimo (Menos que R\$1.518,00)
- ☐ De 1 a 3 SM (De R\$1.518,00 à R\$4.554,00)
- ☐ De 3 a 5 SM (De R\$4.554,00 à R\$7.590,00)
- ☐ De 5 a 8 SM (De R\$7.590,00 à R\$12.144,00)
- ☐ De 8 a 10 SM (De R\$12.144,00 à R\$15.180,00)
- ☐ Acima de 10 SM (Acima de R\$15.180,00)
- ☐ Prefiro não responder

7. **Quantas vezes já visitou este Museu? ****Marcar apenas uma oval.*

- ☐ É a primeira vez
- ☐ Duas vezes
- ☐ Três vezes
- ☐ Quatro ou mais vezes
- ☐ Não sei / Não lembro

8. Sabia que o Museu é vinculado à USP? **Marcar apenas uma oval.*☐ Sim☐ Não**9. Quanto tempo, aproximadamente, durou sua visita? ****Marcar apenas uma oval.*☐ Até 30 minutos☐ Entre 30 minutos e 1 hora☐ Entre 1 e 2 horas☐ Mais de duas horas**10. Com que frequência visitou museus ou centros culturais no último ano? ****Marcar apenas uma oval.*☐ Não visitei☐ Uma vez☐ Duas ou três vezes☐ Mais de três vezes

11. Qual o principal motivo da sua visita hoje? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Conhecer o Museu
- ☐ Interesse pelos temas expostos
- ☐ Lazer
- ☐ Turismo
- ☐ Participar de visitas, seminários, palestras e atividades educativas
- ☐ Pesquisar as coleções do museu (ou outros assuntos relativos à pesquisa)
- ☐ Participar de Programação cultural
- ☐ Trazer os filhos
- ☐ Apresentar aos parentes e amigos
- ☐ Usar a infraestrutura do Museu
- ☐ Outro: _____

12. Com quem veio ao Museu hoje? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Sozinho
- ☐ Cônjuge/Companheiro(a)/Namorado(a)
- ☐ Filhos
- ☐ Família
- ☐ Grupo organizado (agência, escola, etc)
- ☐ Amigos
- ☐ Outro: _____

13. Como chegou ao Museu hoje? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Veículo particular
- ☐ Transporte público
- ☐ Veículo de aplicativo
- ☐ A pé
- ☐ Outro: _____

14. Se tratando do seu percurso realizado hoje para a visita ao Museu, como você o avalia, em uma escala de 0 a 5, sendo 0 muito fácil e 5 muito difícil? *

Marcar apenas uma oval.

- 0 1 2 3 4 5
- Muito fácil ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ Muito difícil

15. Há alguma justificativa para a nota acima?

16. Onde você mora? (bairro, cidade, estado) *

17. Você gostaria de acrescentar alguma observação final? Fique à vontade para expressar as opiniões que achar relevante para esta pesquisa.

18. **Você gostaria de deixar seu email para que receba futuramente o trabalho resultado desta pesquisa e/ou outras informações pertinentes a este estudo?**

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários